

A presente edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt  
www.marcador.pt  
facebook.com/marcadoreditora

© 2016  
Direitos reservados para Marcador Editora  
uma empresa Editorial Presença  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena

Título: *Linhagem de Bravos – Em nome de Portugal. A luta de um povo, a construção de uma nação.*

Autor: Emílio Miranda

Revisão: Joaquim E. Oliveira

Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.

Capa: Épica prima/Marcador Editora

Ilustração mapa de Vila Real: Vanessa Éffe

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-224-4

Depósito legal: 405 122/16

1.ª edição: março de 2016

Nota: A presente edição foi revista e editada pelo autor tendo como base o texto original publicado em 2009 com o título *A Princesa do Corgo*

## Esboço da cidade de Vila Real, aquando da sua fundação



## PÓRTICO

*Entrada. Átrio. Limiar por/ de onde se entra ou sai. Fronteira em que todos os medos se misturam, por não se saber se o além é melhor do que o aquém... Lugar de ansiedade e esperança, de vislumbre e revelação.*

*Em nome de Deus, amém. Conhecida cousa seja a quantos esta carta virem e ouvirem, que eu, D. Dinis, pela graça de Deus, Rei de Portugal e do Algarve, juntamente com minha mulher, Rainha Dona Elisabeth, filha que foi do mui nobre Rei D. Pedro de Aragão, faço Carta de Foro para todo o sempre, a vós, povoadores de Vila Real de Panóias. Convém a saber [...]*

*[...] Convém a saber, entre outras evidências, que aquele moço que além vai tem por nome Simão da Cruz, e foge dos homens como Belzebu da dita; pesa-lhe a culpa por um crime que em Guimarães cometeu, vai para dez dias. E porque de culpa se falou, mais deve ser referido: que a mesma pesa como o maior dos fardos e que quem a carrega sobre os seus ombros facilmente o deixa perceber.*

*Também assim se percebe, logo à primeira vista, que Simão é um fugitivo. Deita para trás os olhos nos caminhos e, de noite, dorme em sobressalto, longe de lugares e de povoados que cruza à pressa. (Quando calba fazê-lo, pois a mor das vezes escusa-se ao encontro com qualquer outra alma.) Quem — porém — o vê passar, olha-lhe a figura suja e mal cuidada, as vestes, simples farrapos, os cabelos com pedaços de palha e de caruma dos montes, a barba de dias, e pressente-lhe nas atitudes um homem acossado. Mas os homens sempre fugiram, e, nestes tempos, muitos são os servos que fogem aos seus senhores, ou à miséria e à morte que grassam. Por isso se diz que cada um sabe da sua vida e Deus Nosso Senhor da de todos...*

*Nenhum nome seria mais adequado a um homem da sua condição do que o seu: Simão da Cruz. É que a sua cruz pesa-lhe quase tanto como a que outrora Cristo carregou sobre os seus ombros, não fosse a diferença de que aquela representa — segundo apregoam os monges e os frades — a culpa de todos os homens, enquanto a sua, apenas a das suas culpas. A da sua culpa! Mas não é esta a razão de ser destoutra cruz que traz no nome. No seu*

*caso, advém de um facto bem mais simples e inconsequente. Nestes tempos em que todas as criaturas são sempre de um qualquer lugar ou senhoria, Simão é de um local onde existe a cruz de um calvário. Que podia ser o seu. E é por isso...*

*Tem vinte e um anos, neste Ano do Senhor de 1291, corre o mês de fevereiro para o seu termo, e há muitos dias que cruza povoados e terras despidas, no intuito de escapar à perseguição que lhe foi movida, rumo à póvoa nascente que, por vontade das remotas gentes e de el-rei D. Dinis, se anda erguendo nas bravias e despovoadas terras do Norte.*

*Ouviu falar naquele lugar, por mera causalidade, semanas antes de tudo ter acontecido, e agora algo lhe diz que é para lá que deve ir. Naquelas terras recônditas, onde — acredita — mal chega o pesado braço da justiça, existem todas as hipóteses de que possa escapar à alçada da lei. Se entretanto não o alcançarem os que o destino colocou na sua pegada...*

*Também eu o vejo passar, daqui, e, naqueles olhos em que se acendem lampejos de medo, percebo a motivação de uma alma que busca o isolamento e a fuga. Atrás de si, porém, a escura sombra da culpa e do remorso persegue-o como uma presença que, tendo emanado de si, tivesse ganho independência.*

*O arrependimento envelhece os homens. Daqui, percebo a postura curvada de quem arrasta o cansaço da vida, e no rosto que devia ser de jovem, por sê-lo, afinal, na idade, vejo a dúvida de quem nada tem à frente dos olhos, senão o caminho que pisa.*

*Os caminhos — refira-se —, quando se trilham com incerteza, são sempre incertos, mas estes, pedregosos e indefinidos, são-no por natureza. Simão da Cruz, no entanto, tem nos seus um fim determinado, acompanhe-o Deus, se quiser; nós — quem sabe? —, porventura, até onde nos interessar o destino deste homem. Amém!*

*Em nome de Deus, amém. Conhecida cousa seja a quantos esta carta virem e ouvirem...*

# TOMO I

## FUGA(S)

*Singular/plural da ânsia de (se) tornar distante.*

### 1

*Derramam-se sobre a terra os vermelhos do Poente, que transformam os primeiros botões em protuberâncias lilases. Os tons sangrentos moldam as sombras com tonalidades róseas, que alastram, como se do vital líquido se tratasse, por sobre o chão pontilhado de tenros juncos e malmequeres silvestres. Paira no ar um perfume indelével, com travos de nostalgia. Cheiro de fumo e de névoa. O entardecer permanece frio. Fevereiro traz ainda consigo, apesar das tardes já mornas, as álgidas aragens do inverno que, ao cair da noite e à aurora, fazem tremer o viandante mais incauto ou quem, por suspeita ou premente necessidade, tem de pernoitar sob as estrelas. A derradeira e a primeira luz são acompanhadas pelo plúmbeo nevoeiro que envolve os vales e penetra nas finas paredes dos casebres e nas vestimentas precárias de quem nada mais tem com que se cobrir do que a comum túnica de estamemba ou de linho. Não é, decerto, chegada a altura para que voluntariamente se passem as noites entre as solitárias árvores dos húmidos bosques, sob o frígido céu. Pelo menos, não o é para quem, não obstante a miséria dos tempos, tem ainda um telhado de colmo, ou quatro paredes de estopa, onde deixar cair o corpo cansado e faminto. Para quem nada disto lhe resta e vagueia perdido pelos caminhos ermos, então, qualquer buraco entre duas árvores pode ser o melhor dos lares. Tal como um qualquer animal bravo. Enquanto o ladrar de cães e o soar de trombetas não lhe trouxer subitamente à lembrança a sua triste condição...*

Simão da Cruz procurou uma lura abrigada para passar a noite e recostou-se, ao que de seguida desatou o alforge quase vazio, preparando-se para comer a parca refeição, a última do dia. Pegou num naco de pão, escuro e seco, e, depois de partir a parte reservada àquela ocasião, pôs-se a mastigá-lo, lentamente, pensativo, quase sem fome, mesmo para quem há tantos dias tão pouco alimento levava à boca.

O pão tinha o gosto amargo e malsão, proveniente da leve camada cinzenta de bolor que o cobria, mas ele mal pareceu dar por isso, abstraído com os seus pensamentos.

Estava cansado de ser um foragido, e, quanto mais matutava nisso, mais o feria a nostálgica saudade dos tempos de sossego que perdera. Tempos de muita labuta, quase sempre de sol a sol, mas dos quais o muito que podia sentir era cansaço; nunca desconsolo nem tão-pouco remorso. De facto — concluía —, era desconcertante a facilidade com que um homem podia conduzir-se à perda do pouco que possuía... e de repente achar tanta falta nesse pouco. O que ele daria agora por poder voltar atrás! Ah! Depois de satisfeito o ódio, nada tinha ficado... senão o desolador sentimento de vazio, aquela dor surda estagnada na garganta... e o medo... O medo que não o deixava sossegar. O medo de cães correndo na sua peugada açulados por homens da justiça que o que desejavam era vê-lo pendurado numa árvore.

Para todos os efeitos, tratava-se de um criminoso que cedera à ira e provocara a morte de outro homem. Numa só palavra: assassino! Apesar de todas as razões; apesar da sua honra ferida, não deixava de ser uma criatura mesquinha e amaldiçoada; um ser abandonado por Deus e abominado pelos homens. Este pensamento andava-lhe às voltas na cabeça há, parecia-lhe, uma eternidade...

Era curioso como a percepção que se tinha do tempo podia ser tão variada e diversa, conforme fosse de alegres lembranças ou de amargas memórias. Um mau pensamento pesava, na alma de um homem, tanto como a idade do mundo. Fosse ela qual fosse... Saberá alguém a idade que o mundo tinha?

Que soubesse, não. Mas supunha-a pelo peso que sentia, oprimindo-lhe o peito, que devia ser incalculável... Imensa!

Em contrapartida, um doce momento de depressa se esfumava, deixando na alma o gosto sem gosto de uma iguaria que mal durou na boca... Como quando, ainda menino, ao ter ousado provar à sorrelfa a doçura do toucinho do céu, na casa do fidalgo em que a mãe servia, julgara ter conhecido o alimento dos querubins, e vira esse prazer durar um ápice ao ser descoberto, sob a mesa da copa, pela rezingona da Matilde. Arrastado pela orelha até ao pátio da casa, onde foi largado ao frio e à chuva, viu no resto do dia condicionada a sua entrada nas cozinhas, o que implicara ficar privado de comer fosse o que fosse. Na realidade, custara-lhe mais o castigo em si do que a própria abstinência. Estava habituado à incerteza do alimento e a fome não lhe era estranha nem desconhecida. Mas o sentimento de se ver desprezado, afastado do calor da lareira e do amor da mãe, representara uma humilhação difícil de esquecer. Como se não bastasse, ainda tivera de se confrontar com o olhar magoado da progenitora, durante dias, censurando-lhe a gulodice...

Ah! O que não daria agora para saborear uma vez mais a sublime doçura do manjar dos anjos!

Enroscado no chão fofo e frio da floresta, num ninho de caruma e musgo feito sob a raiz de um enorme carvalho, Simão dormitava, imerso em sonhos turbulentos. Há muitos dias que não dormia verdadeiramente. Qualquer pausa o fazia cair numa espécie de torpor, de que despertava em sobressalto, ao menor ruído, ao mais ínfimo suspiro da floresta. A ilusão de que poderia

estar seguro esfumara-se... E não sabia agora se, na verdade, alguma vez existira.

A captura estivera iminente. Fora ao terceiro dia e ele mantinha bem presente o desespero que sentira então. Após os primeiros dias de fuga e muitas léguas percorridas, em que mal comera ou dormira, acabara por confiar na sua sorte e baixara a guarda. Talvez movido pelo cansaço ou pela ilusória sensação de segurança... E por pouco não tinha sido capturado. Escapara por uma unha negra, depois de ter fintado os cães e os caçadores e de milagrosamente ter *ressuscitado* das águas geladas do rio onde em desespero se lançara. Nos dias seguintes, mal pregara olho, atento ao menor ruído, à mais ténue sombra, recriminando-se pela sua incúria e prometendo a si mesmo que não voltaria a confiar na aparente acalmia... Aqueles homens eram determinados, sabia-o. Teria conseguido despistá-los? Permaneceriam, algures, na sua pegada? A incógnita agoniava-o, fazendo com que a cada passo entrasse em pânico, suando apesar do frio que fazia, volvendo em torno os olhos, como uma presa em busca do predador... O mínimo sinal de civilização era para ele uma ameaça latente. Como uma criatura selvagem e fugidia, evitava todo o contacto humano, rodeando vilas e povoados e embrenhando-se na imensidão selvagem de montes e vales.

O latido dos cães ainda lhe ecoava na cabeça, a cada passo... O latido dos cães e o martelar dos cascos dos cavalos lançados a toda a brida. Era como se trouxessem na sua trilha a fúria de todos os demónios. Os cavaleiros, precedidos pelo ladrar furioso dos mastins, tinham irrompido subitamente, como que aparecidos do nada, numa dobra de terreno, apanhando-o desprevenido, e ele só tivera tempo para correr em direção à bruma que subia do rio, fantasmagórica e fria. Num ápice, fora alcançado, e então inesperadamente se dera o milagre. O emaranhado de tojos que de repente irrompia do chão gelado do entardecer permitira-lhe usufruir da atrapalhão momentânea provocada pela ânsia desastrada de cães e caçadores em filarem-lhe o dente. Por breves instantes, gerara-se a confusão de rédeas e trelas emaranhando-se... Os cães ladravam, queixosos, saltando assanhados e enrodilhando-se ainda mais. Os homens, por seu turno, vociferavam, ultrajados, ao perceberem de repente a sua estupidez em terem soltado os cães ainda com as trelas presas. Lembrava-se, por último, de ouvir o grito eufórico do líder do grupo quando, após ter-se desenhado de toda aquela barafunda, reatou a perseguição. Então, de repente, como se estivesse a viver um pesadelo, sentiu-lhe a mão envolta numa luva grossa filar-lhe o ombro, como uma garra, e pensou: *Estou perdido, meu Deus, estou perdido. Fui, por fim, apanhado.* Por momentos, os seus olhares cruzaram-se: fúria e temor em confronto. Foi então que o cavaleiro, debruçado sobre o flanco da montada, semicerrou os olhos. Ao ser atingido por um ramo, soltou um lamento e largou-o — momentos mais tarde, teria oportunidade de vislumbrar o lenho feio, infligido pelo arbusto espinhoso, no rosto rude e severo. Jamais esqueceria aquele rosto, marcado pela ira e pelo ódio. Jamais esqueceria aqueles olhos, cintilantes, fixos nele como punhais.

Depois, só se lembrava de ter corrido, cego pelo desespero ou pelas lágrimas, ou quiçá por ambos, no sentido do barulho produzido pela correnteza...

O rio fora, sem sombra de dúvida, a salvação.

Era uma língua de água negra, sobressaindo das névoas do crepúsculo. Foi para lá, para as suas margens envoltas na bruma, que convergiu, deitando os bofes pela boca. A corrente gelada mordeu-lhe a carne com os seus milhares de dentinhos afiados. Em volta, a brancura etérea da geada que começava a formar-se cobria tudo. O choque térmico foi excruciante e deixou-o à beira da inconsciência. Por momentos, julgou que morria. A dor foi como um golpe que lhe rasgasse a carne de alto a baixo. Sentiu que a corrente o tragava e no último instante agarrou-se a uma raiz saliente, mantendo-se imóvel entre os juncos que irrompiam. Ouviu vozes, viu os homens que chegavam e que logo se debruçavam — durante o que pareceu uma eternidade —, e depois sentiu que se soltava e era levado pelas águas gélidas que bramiam, envolvendo-o num abismo profundo...

A partir desse passo, tudo se confundia na sua mente. E até hoje, continuava sem saber como tinha conseguido ludibriar homens e cães... Talvez tivesse sido o cansaço dos que o perseguiram. Ou a escuridão crescente que acabara por os confundir.

Ou, então, a fé de que ninguém conseguiria sair vivo daquelas águas — como julgava ter ouvido alguém proferir...

No meio de tudo, subsistia o rosto brutal, rasgado por uma ferida sangrenta, que se debruçava sobre a margem arborizada, os olhos brilhantes como se lançassem chispas: não era um homem, era um demónio. De muito longe, ouvia a sua voz que dizia: *Ninguém escapa deste gelo. Certamente, o maldito não sairá dali vivo. Amanhã aparecerá a boiar numa das margens. Amanhã...*

Despertou, sentindo que gritava. Por instantes julgou que vivia tudo de novo; a sua mente confundiu-se com o momento em que ressuscitara junto às margens cobertas de geada de um rio de que não se recordava, mas de repente tomou consciência de que tudo acontecera havia mais de sete dias, e ele permanecia aninhado no chão do bosque, como uma fera.

Porque sentiria ainda nos ossos a intensa frialdade das águas que o envolviam? Ou seria o frio da geada que via a cintilar?

Os homens morriam das mais variadas formas e a morte era o fim último de todo o ser vivente à face da Terra. Essa era a verdade e ele sabia-o. O fio da vida era tão ténue, tão frágil, que a qualquer momento, inesperadamente, podia quebrar-se. Mas para aqueles que ousassem, de uma forma ou de outra, atentar contra as leis ou os costumes, a pena podia ser, mais do que o derradeiro destino, a agonia de uma exposição tortuosa e desumana que podia durar dias infindos.

Simão recordava os muitos homens e mulheres que ao longo da sua vida tinha visto morrer à mão de algozes, no cumprimento de penas justas ou



pela simples brutalidade de senhores e vilões em fúria, e em todos os casos a morte tinha sido o menor dos males. A barbaridade imperava e a caridade, apregoada pelos doutores da Igreja do cimo dos seus púlpitos, era uma miragem, um engano.

Enquanto caminhava sobre esta terra, tantas vezes abandonada por Deus, o Homem era uma vítima permanente dos ardis que a vida lhe lançava. Uma criatura pronta a ser caçada, laçada e sacrificada, como qualquer outra, pela ponta cega de um virote, pelo bico de uma flecha afiada, pelo gume de uma espada. Mas esse era o menor dos males — voltava a dizer de si para si. Pior do que isso era a exibição pública num pelourinho, o escárnio e a brutalidade dos passantes, a forca, o desmembramento ou a prisão até ao fim da vida, num calabouço pútrido e frio.

Não havia limites para a dor, nem para os requintes de quem a infligia... Para ele — sabia-o —, não haveria. E era isso que temia, mais do que tudo.

## 2

Ao alvorecer, Simão da Cruz ainda tremia, exausto pela noite insone e enregelado, encolhido como uma larva na sua choça de caruma seca. Em volta, tudo jazia branco, cristalino; adiante, um fio de água congelara. A manhã estava submersa, enterrada em sombras, os carvalhos quietos, envoltos num silêncio sepulcral. Simão perscrutou os limites indefinidos do bosque. Uma névoa pairava rente ao solo, como fumo que se erguesse da terra. *Oh, como está frio!*, pensou, tiritando. Os olhos ardiam-lhe, avermelhados. Esfregou-os, pondo-se de seguida a pé, encorajado pelo novo dia que, como sempre, vinha afastar, como um gesto brusco, os seus medos e os seus receios, aumentados pela escuridão envolvente da noite.

Em contrapartida, reacendia outros, acordados pela luz que permitia ao perseguidor avistar a presa.

Perfumes silvestres encheram-lhe os pulmões, numa golfada revigorante. O ar gelado fê-lo tossir e Simão pensou com agrado que em breve o sol afastaria os últimos frios da alvorada. Distraidamente, sacudiu-se, ao mesmo tempo que esfregava as mãos com vigor e continuava a bater com os pés no chão coberto de caruma e musgo, para assim reativar a circulação. Depois de dar alguns passos hesitantes, pôs-se a escutar o chilrear dos pássaros que enxameavam todo o arvoredo do vale, à direita.

Tudo em volta, numa distância de muitas léguas, eram terras selvagens, solitárias, pertença de algum fidalgo ou de um mosteiro próximo, conjeturou. *Neste mundo cão, nada existe que não tenha seu dono*, disse para os seus botões. Sem inveja, apenas amargo. Sentindo-se gelado, não cessava de friccionar as mãos e de bater com os pés no solo duro, enquanto passeava os olhos em redor.

*Não me importava de viver aqui*, não deixou de pensar, sentindo de repente toda a beleza do lugar e um desânimo mais profundo a invadi-lo. *Se houvesse por aqui um mosteiro, algures, até poderia contar com a piedade dos seus monges. Teria decerto abrigo e um naco de pão para comer. Aos monges não importa de onde vem ou para*

*onde vai um homem. No fundo, vamos todos para o mesmo sítio. Não. Pecadores como eu não vão senão para os fogos do Inferno. Perdoa-me, Senhor!*

*Perdoa-me, porque matei um homem, queria ele gritar. Derramei o seu sangue sobre a terra. Cometi o maior dos pecados que qualquer filho de Deus pode cometer — o de tirar a vida a um semelhante. E não foi por defesa ou necessidade, mas por ira, por ira cega.*

Por momentos, fechou os olhos, numa prece, visualizando na sua tristeza as bravias terras que havia tantos dias buscava. Imaginou vales, florestas e grandes extensões de boa terra esperando ser desbravada. Acres e acres selvagens e férteis, esperando apenas pela força de braços, pelo suor de homens, para dar fruto. Territórios perdidos nos confins do reino, habitados por monstros e por feras, e onde uma alma atormentada podia subtrair-se aos olhares do mundo.

Ouvira falar daquele lugar, num dos muitos momentos em que conversas ocasionais distraíam as horas de trabalho. Sobre os andaimes, ou então debaixo dos telheiros, os mesterais falavam de tudo, numa ânsia de entenderem o mundo, ou de se distraírem dele. Tinha a ideia de que tagarelavam, como de costume, acerca de obras e de construções, e então alguém referiu aquela que, por determinação real, se andava erguendo nas bravias terras de Trás-os-Montes.

Como estava longe de imaginar que haveria um dia ele próprio de sentir a tentação e a necessidade de procurar aquele lugar... Mas a verdade é que, logo nos primeiros instantes da fuga, se transformara no seu destino e objetivo.

*É para lá que vou!*, reafirmou a si mesmo, fechando definitivamente os olhos a toda a beleza que o rodeava e pegando na trouxa.

O Sol que ia subindo para o céu afastava as derradeiras neblinas da manhã e dourava o arvoredo, começando a aquecer as terras em volta.

Acabara de amanhecer e já a carroça se deitava de novo à estrada. As crianças, esfomeadas, resmungavam:

— São, tenho fome!

— São, tenho fome!

Maria da Conceição, dez anos mais velha do que os dois pequenos irmãos, mãe após a morte recente da própria mãe, sorria com indulgência, consciente da sua e da fome dos irmãos. Nada dizia. Há doze dias que viajavam para norte, em busca da nova cidade de el-rei — apregoada por Afonso, o *Trovador*, na sua última passagem pelo senhorio — e das promessas que acendera nos seus corações. Há dois que não levavam bocado à boca. A terra bravia que os cercava, egoísta e vazia como as mãos de um mendigo, desanimava-a. O medo de encontros fortuitos tinha-os afastado de povoados e de casebres isolados, e agora, muitas léguas percorridas, ansiavam pela proximidade de gente. Sentado ao seu lado, o pai agarrava-se às rédeas sem nada dizer, qual estátua de pedra, com os olhos teimosamente fitos na distância e surdo aos queixumes dos mais pequenos. Se a fome também o torturava, não

o dava a entender. Parecia sonhar, ou refletir, ou simplesmente vaguear por estranhas paragens.

— São, tenho fome — teimava, de tempos a tempos, o pequeno José.

— São, quando comemos? — juntava-se-lhe a chorosa voz de Leonor.

— Daqui a nada, comemos. Agora não façam mais barulho, está bem? — consolava-os Maria da Conceição, quando os queixumes se tornavam mais insistentes.

Mas olhava em volta e também ela desanimava.

Porque teriam deixado a antiga casa, se afinal a fome era agora maior? Porque teriam querido partir? — interrogava-se, tão dominada pelo desalento que se esquecia de que tinha sido ela precisamente a encorajar o progenitor a fazê-lo, entristecidos com a morte recente da mãe e fartos da vida dura. Há quanto tempo acalentavam esse desejo? Não saberia dizê-lo...

Impulsionados pela certeza de que, se não o fizessem naquela altura, provavelmente nunca mais o fariam, tinham partido às pressas, pela calada da noite, como foragidos, mal precavidos de mantimentos, e agora viam-se a braços com a falta de tudo, perdidos no fim do mundo. Se em breve não comessem, ninguém seria capaz de aturar as crianças.

Não era a primeira vez que a fome os afligia, mesmo durante dias, mas tudo era mais fácil na aldeia, quando os pequenos andavam por lá e iam catando aqui e ali um bocado para levarem à boca. Como pequenos bácoros, cheirando, esgravatando, contentando-se mesmo com um pequeno bolbo ou um fruto bravio, quantas vezes, ainda verde.

Essa era a razão de muitas diarreias e doenças intestinais, mas o bem que sabia compensava o mal que fazia, e a fome era a pior das companheiras naqueles tempos de miséria. Aliás, desde que se lembrava, os tempos haviam sido sempre de mais ou menos miséria, pouco variando uns anos em relação aos outros. Se não era o sol, era a chuva, as maleitas que davam nas culturas, o senhor que tudo levava, deixando-os na penúria. Não eram nada nas mãos daqueles malditos. Nada! Só sabiam passear-se nos seus corcéis ricamente ajaezados, ou passar os dias caçando, ou então incomodando as raparigas da aldeia, como se delas fossem donos. Exibiam a sua fartura, troçando da fome das gentes, como se só eles importassem e os demais não passassem de insignificantes criaturas. E, todavia, como tudo era mais fácil lá... Não por ela, que arrenegava aquela vida, mas pelos irmãos que iniciavam agora um futuro incerto e que, passados poucos dias, eram já incapazes de suportar a fome que os afligia.

Lá, entre os casebres pobres, mas próximos da caridade dos vizinhos, havia sempre um bocado de pão para acudir aos mais necessitados...

Olhou para a terra solitária que os cercava, ouviu como que de muito longe, de uma grande distância, as vozes lamentosas dos filhos pedindo alimento, e pensou com saudade, uma saudade que ia e vinha de tempos a tempos e que às vezes o torturava como uma dor muito profunda, na mulher agora morta,

que deixara para trás enterrada *naquele* recanto esquecido, *naquele* terra pequena e ignorada: um lugar que queria esquecer! Ouvira dizer um dia, da boca do fidalgo, que o povo não sofria, que eram como animais para quem os laços não existiam. Eram apenas mão de obra e animais de criação, criaturas servís e sem vontade própria. Maldito! Malditos fossem todos os ricos e grandes. Mal sabiam o que ia no coração de homens como ele, que viviam e morriam na miséria e viam morrer impunemente os entes que amavam...

*Fazes-me falta, mulher, pensou, amargo. A Conceição tem sido uma mãe para os pequenitos. Ouço-a a encorajá-los, mas é sabido que não há mãe como a verdadeira mãe. Sinto-me incapaz... Tu serias capaz de resolver esta aflição, eu não sei que fazer. Já comemos ervas e raízes, mas as crianças continuam a queixar-se, e já se recusam a comer as raízes dos montes. Na verdade, na verdade, já nenhum de nós sabe há quanto tempo dura a fome. Há tanto tempo que acho que já nos está nas almas. Tenho esperança de que, em breve, encontremos algum casebre de gente piedosa, perdido nesta imensidão. Mas parece tudo tão vasto, tão disperso e vazio, que temo por este dia e começo a perder a esperança.*

A mulher, se ali estivesse, teria dito:

— Não percas, homem!

E ele teria perguntado:

— Mulher, que fazemos aqui? Porque decidi eu que viéssemos?

*Sabes, pensou, com o desgosto crescendo dentro de si com as lembranças, sempre sonhei que poderia um dia conseguir uma vida melhor, para ti e para os nossos filhos, os que temos e os que teríamos podido ter, não fosse essa moléstia que te levou. Dia após dia, fui acreditando que as coisas acabariam por modificar-se. Em vão. Às vezes parecia que a terra se ria dos homens.*

A terra pobre, carente de pousio, e a inclemência do senhor, mantinham há décadas o povo numa penúria e numa fome permanentes. Donos de coisa nenhuma, quantas vezes nem da própria liberdade, os servos e os camponeses apenas aspiravam ao que do céu lhes pudesse vir, não sendo a mor das vezes as geadas e os granizos tardios, ou as chuvadas fora de época, o que mais agudizava a sua já de si miserável condição. Anos havia em que as gentes apenas tinham para comer as bolotas dos sobreiros e carvalhos e as leitugas que cresciam nos lugares húmidos, calhando por isso morrerem, em alturas de maior falta, crianças e velhos, das muitas maleitas que levavam os mais frágeis e desprotegidos; tantos que havia anos em que, mais do que fome, a carência parecia desgraça, tantas vezes chamada *a colheita de Deus*. Famílias inteiras morriam, deixando os campos ao abandono. O que gerava ainda mais fome e desgraça.

José lembrava-se de muitos anos assim, em que as pobres gentes, aflitas e famintas, se viravam para os montes, para os ribeiros e, sempre em vão, para Deus. E quando de nenhum deles lhes vinha o naco para a boca, então só restavam os cães, os gatos e os ratos, ou carne mais suspeita e ignóbil, Deus perdoasse quem a tal se via empurrado, já que não lhes soubera acudir. Em tempo de fome, não importava o que fosse ou donde proviesse, desde que o ronco dos estômagos pudesse acalmar com o que à boca pudesse ser lançado.

A carroça arrastava-se tristemente no calor crescente da manhã, e ele conteve um assomo de mágoa. *Sabes, dois dias depois de morreres, ouvimos falar desta nova póvoa que por ordem de el-rei recebe foro e busca braços para a sua edificação... e foi então que tudo me veio à ideia. Ideias loucas que nos assaltam quando perdemos o rumo. E logo a nossa filha me encorajou... Depois de uma noite incapaz de fechar os olhos, roubei do fidalgo, Deus me perdoe, a carroça e a mula, pus-lhe em cima o melhor arado. Maldito seja, que nem assim fica mais pobre. Juntámos o que não tínhamos e partimos pela calada da noite, a toda a pressa. Se nos conseguem deitar a mão, matam-nos a todos de pancada. Deus nos livre de tal destino, se tem ainda uma migalha de clemência por quem não é mais do que nada. Assalta-me às vezes o pensamento de que Deus só aos ricos olha. A nós, criaturas miseráveis, não. Mas quero crer que possa haver ainda alguma compaixão, alguma réstia de clemência.*

— Senhor pai, então que é isso? Sente-se bem? — perguntou Maria da Conceição, vendo as lágrimas luzirem-lhe nos olhos.

— Sinto, filha — disse o homem, de repente desperto.

— Julguei que... — balbuciou ela. E calou-se. Não queria que os irmãos se apercebessem do sofrimento do progenitor.

— Ora, rapariga... é impressão tua. É apenas um cisco atirado pelo vento — desculpou-se, num ímpeto, limpando de imediato os olhos, envergonhado da sua fraqueza.

Mas, mais do que fraqueza, era raiva, uma raiva surda que o consumia por dentro. *Resignação!*, apregoavam os frades. Mas como podia um homem resignar-se se desde o primeiro dia começava a viver o Inferno na Terra? Do alto dos seus púlpitos, falavam do Paraíso como se fosse um lugar palpável, real, mas que apenas seria atingido após a morte, quando afinal uns poucos já usufruíam dele na Terra. Aos demais restava o Inferno.

*Se Deus Nosso Senhor quiser, não tardará muito até que possamos comer, nem que seja um naco de pão duro*, pensou. E esse pensamento reconfortou-o. Não sabia ainda que todo aquele dia iria passar-se e que ao cair da noite voltariam a deitar-se com os estômagos vazios.

### 3

Maria da Conceição fitava, perdida em pensamentos, as curvas do caminho que se embrenhava nos bosques adiante. O trilho, mais um rasgo na paisagem do que uma estrada propriamente dita, era ladeado de silvas e de arbustos selvagens, sinal de que não era usado com frequência. Essa constatação dava-lhe, por um lado, o alívio de se saber longe de vistas indiscretas. Todavia, por outro, fazia com que a assaltasse o temor de serem surpreendidos a qualquer momento por salteadores ou por fora da lei, muito frequentes em algumas regiões do reino, principalmente quando houvesse perto uma povoação importante. Tal não parecia ser o caso, o que — contradição das contradições — contribuía naquele momento para lhe aumentar a preocupação. É que sem povoações, importantes ou não, não havia culturas nem pessoas, e, consequentemente, também não havia alimento...

Mas ela acreditava em Deus, Pai, no seu Filho e no Espírito Santo. Do céu viria certamente a ajuda de que necessitavam.

Desde menina que a fé a acompanhava, sendo muitas vezes alimento e refrigério. Na verdade, dizia de si para si frequentemente, sem fé não era possível viver neste mundo pleno de obstáculos, dificuldades e armadilhas. Deus guiá-los-ia em segurança, tinha a certeza, e em breve acabariam por encontrar se não um mosteiro ou um lugar de gente piedosa, pelo menos um casebre isolado onde pudessem pedir algo que comer.

Em silêncio, rezou para que isso acontecesse antes de a fome se tornar intolerável.

A manhã ia a meio quando o som álcree das trompas de caça, acompanhado pelo ladrar agudo dos cães, lhe perfurou o cérebro como um ferro em brasa, despertando de novo o terror de quem se furta aos olhares do mundo. E viu-se, de repente, correndo como um louco, em busca de uma qualquer cova onde pudesse esconder-se. Meia dúzia de vezes caiu e voltou a levantar-se, indiferente aos ferimentos e à dor por eles causada. Um único pensamento o assaltava: *Não, outra vez não! Ai, meu Senhor, que me apanharam!* Dentro de si, o terror de ser capturado voltava, e ele sentia-se naquele momento a mais desamparada criatura à face da Terra.

No entanto, os cães passaram, e, depois dos cães, vieram os cavalos, trazendo em cima nobres e escudeiros empunhando arcs, bestas e lanças. Uns e outros o ignoraram até que alguém bradou:

— Eh! Tu, servo ou vilão! — explodiu a voz atrás dele. E então estacou, petrificado.

— Senhor? — Que poderia querer dele?

— De que foges? — perguntou o nobre sobre o cavalo. Filho d'algo ou homem do Clero?

— De vós, senhor — balbuciou Simão. — Temo a rudeza dos cães. Temo... — O peito parecia que iria explodir-lhe e ele não atinava com o que dizer.

O lorde olhou-o, desconfiado.

— São cães de caça bem treinados. Nada te fariam. Por isso, porque os temes?

E ele desejou dizer: *E de que me salva esse facto quando tantas vezes, perante a falta de caça ou por simples capricho, os lanças sobre miseráveis como eu?* Em vez disso, balbuciou, pondo-se de joelhos:

— Senhor: vede! — disse, ao mesmo tempo que arregaçava a manga da indumentária miserável que o cobria. — Um cão feroz quase me levou o braço... e agora, quando os ouço ladrar, o pânico apodera-se de mim. Não sei que fazer...

O rico homem carregou o cenho, parecendo acreditar. No entanto, aprestava-se a prosseguir o interrogatório quando percebeu a algazarra provocada pela descoberta de uma qualquer peça de caça e, dirigindo o cavalo,

debandou a galope. Simão ficou ainda por momentos de joelhos, só se erguendo pouco depois. Dominado ainda pelo medo, balbuciou: *Graças, Senhor! Graças por me teres dado de repente tino e acerto no que dizer. E bendito sejas por teres em tempos permitido que caísse daquela macieira, queda que me produziu esta mazela.*

O som dos cães perdeu-se pelos montes e ele voltou à esquerda no intuito de se lhes furtar. Por momentos, chegara a temer que tivesse uma vez mais sido encontrado e agora receava que a curiosidade daquele nobre pudesse ter desvendado nos seus olhos um qualquer indício que o conduzisse à suspeita do seu crime.

*As sombras povoam este mundo onde os homens se confundem com elas, pensava Simão, enroscado, como um feto, no fundo de um buraco cavado no solo da floresta. Em volta, a terra estava enterrada em opacidade. Laivos de luar infiltravam-se pela folhagem das árvores, como a chama de uma candeia atravessando um fino lençol de linho estendido, pendente do céu. Sentindo-se só e miserável, entregava-se ao devaneio, perdido nas lembranças da infância, no tempo distante em que a inocência lhe comandava a vida. Naquele tempo, as sombras estavam apenas fora de mim, não existiam no meu íntimo nem me povoavam as noites de insónia. Naquele tempo, até as palavras do padre eram apenas ecos que perduravam, misturadas com risos e gargalhadas... não se misturavam com o rosto do Demónio vindo em busca desta alma condenada. Senhor, perdoa-me! Tem piedade deste pecador!*

O soar das trompetas ecoava no meio dos bosques escuros, arrancando as suas criaturas ao sossego da terra adormecida. Eram talvez cornos de guerra, soprados por guerreiros cobertos de ferro, cujos olhos, flamejantes de ira, buscavam o caminho entre as árvores. Ou talvez, em vez disso, fossem simples trompas de duendes e de seres misteriosos emboscados em gargantas e covas fundas, aguardando a vinda de homens incautos. Mas como podiam vir incautos, quando o som se ouvia tantas léguas em redor? Talvez porque o fascínio que aqueles ecos suscitavam fosse mais forte do que o temor... Talvez porque a curiosidade fosse sempre como um anzol lançado às águas escuras, em busca de um qualquer peixe distraído,

... incauto...

... Um peixe sulcando as águas gélidas do rio que se fundia com as árvores, que se confundia com os arbustos marinhos que gotejavam...

... gotejavam...

... sangue...

O golpe certo rasgara a face do outro, abrindo um sulco profundo por onde a massa cinzenta do cérebro era visível. Um olhar de espanto, mais do que de dor, fitava-o, e, de repente, esse olhar, esse rosto macerado e ferido, transformou-se nas feições demoníacas de uma criatura assustadora... que investiu...

Urrando...

Como de outras vezes, acordou de súbito a meio da noite, como um animal acochado, e olhou em volta, sentindo ainda o pesadelo a envolvê-lo.

Tremia.

Gotículas de orvalho tombavam... plim, plim... molhando-lhe o rosto. Como um animal lambendo uma ferida, limpou distraidamente a água que lhe caíra sobre a cara, e ficou à escuta, alerta. A noite estava fria, acometida por um vento incógnito que se levantara. No céu, as estrelas pareciam fitá-lo sem o verem, distantes e indiferentes à sua sorte. Os vultos negros das árvores da floresta que se erguia à sua volta assemelhavam-se, no silêncio sibilante, a sinistras sentinelas, zelando para que não fugisse. Em torno, uma poalha branca enregelava o solo. Geava.

— Não. NÃO! — rouquejou, e por momentos cobriu o rosto, consciente de que, por mais voltas que desse, não conseguiria, nunca, deixar para trás aquela sombra expectante e aterradora. Via, como que de um outro lado do tempo, a sua mão a erguer-se para matar (sem perceber como, cães ladravam ao longe), o golpe desferido num momento de loucura — tudo num momento de loucura! — e o sangue a respingar-lhe para a cara, quente, palpitante... pegajoso...

Pegajoso!

(Os cães continuavam a ladrar. Ou seriam lobos?)

Num instante, tudo estava concretizado. Logo que abriu os olhos para a verdade, corraera tanto que parecia que todo o mundo o perseguia, ululando como uma alcateia no encalço da sua culpa.

A partir dessa noite, nunca mais parara.

E o uivo dos lobos continuava a persegui-lo. Ou seriam cães de caça?

Desde que se lembrava, tinha pelos cães um terror especial... Dos vadios, temia-lhes o furor das feras acochadas e sem disciplina; dos gordos podengos dos senhores, a presteza com que arreganhavam os dentes às ordens do nobre dono. Na verdade, o cão era, no seu entender, o mais traiçoeiro e perigoso animal que, depois do Homem, havia sobre esta terra de fome e de mágoa. Traiçoeiro e perigoso, precisamente pelo convívio próximo que tinha com os humanos, aprendendo-lhe rapidamente a perfídia e a malícia. E quando do bocado dependia a obediência, o canídeo não hesitava, atacando e ferrando os dentes no infeliz. Depois tornava ao dono, abanando a cauda, contente da sua submissão e à espera da recompensa. Simão sabia de muitos exemplos em que os cães eram atiçados sobre os populares pelo nobre entediado, porque a caçada lhe saíra frustrada, ou então porque pretendia divertir-se a ver correr um pobre diabo à frente do seu obediente cachorro. Naquele mundo havia cães que valiam mais do que homens... E homens que valiam muito pouco, podendo a sua sorte pender, como uma gotícula de um beiral que à simples brisa tomba e se esvai, engolida pela terra. Nisto refletia



Simão, sentindo ele próprio o quanto era precário o seu equilíbrio neste beiral incerto que era a vida. Para que fim pusera Deus os homens na Terra? E com que obscuro objetivo os dividira em classes: Clero, senhores fidalgos e populares? Para que uns detivessem o poder da palavra, apregoando pelo mundo a vontade do Altíssimo, enquanto outros exerciam o poder terreno, o poder de tudo ter: terras, riquezas, nome? E, por fim, enquanto homens como ele não eram sequer senhores da própria vida, existiam apenas para servir, para serem artífices, operários ou tão-somente servos da terra, na qual sofriam e morriam, como animais de carga? Do pó ao pó, apregoavam os monges. Porém, havia aqueles que já o eram antes de o serem; aqueles que eram meramente terra miserável e que viviam dependentes da direção que o vento tomaria; pois era o vento que lhes decidia a sorte, qual erva daninha que se curva, ora para um lado, ora para o outro, até que um sopro mais forte lhes quebrasse a *espinha* ou a arrancasse. Sim, eles eram tudo isso: pó, erva daninha, simples criaturas, menos do que o cão ou o do que o cavalo montado pelo senhor. Para muitos senhores, eram apenas braços, força bruta que tudo gera, mas sem valor algum. Como não havia um homem de lhes votar ódio e desprezo? Como não havia um homem, mesmo curvando-se à sua passagem, de lhes lançar no encaço todas as criaturas do Inferno?

Mesmo que apenas sob a forma de maldições?

Malditos fossem, que os exploravam e maltratavam, troçando da sua humilde condição!

Naquele mundo, em que os ricos eram poucos, mas tão senhores de tudo, homens como ele correriam sempre o risco de cair em desgraça. Quando a verdade e a razão eram sinónimo de sangue e de nobreza, pouco mais restava aos humildes do que fazerem a justiça pelas próprias mãos... E, no entanto, também aí lhe ficavam chamando crime, vingança, ignomínia, e também aí atiçavam sobre o infeliz que ousara fazê-la — demónio, maldito, para sempre votado ao ostracismo — toda a fúria do poder que detinham. E o poder de um nobre era tão vasto quanto a riqueza que o sustinha.

Apenas desaparecendo no *fim do mundo de brumas* ou morrendo em fuga, tragado pela terra, podia um pobre diabo escapar-se!

Havia uma cruz de gelo pendente do céu. Simão costumava observá-la sobressaindo entre as estrelas, cintilante e fria. Estranhamente, não via nela o Cristo pendente, mas sabia que Ele estava lá, algures, fitando cada um dos homens com os seus olhos severos, plenos de ira e de desilusão. Ele conhecia cada uma das faltas, cada um dos pecados cometidos pelos seus irmãos na Terra. Simão questionava-se sobre o que diria dos seus. Fechava os olhos e via-O chorando lágrimas de sangue, lágrimas que tombavam sobre o manto branco da terra, manchando o níveo mundo de grandes manchas carmim...

Pingando...

Mais uma vez, não soube se dormiu ou se simplesmente perdeu a noção de onde estava por meros instantes. Abriu os olhos e o ar gelado invadiu-lhe

as narinas e chegou-lhe aos pulmões como um murro. Sentia picadas lancinantes por todo o corpo, picadas que cessavam para voltarem ainda mais intensas, e desejou ardentemente a alvorada. Desejou-a tanto que as lágrimas lhe correram pelos olhos ansiosos, abertos à noite...

A noite era um sarcófago de gelo e de pavor... uma cúpula de cristais como olhos sorvendo a alma dos homens, perscrutando e invadindo o íntimo mais profundo de todos os seres. Feita pelo Altíssimo para repouso de corpos e de almas, era também o início da perdição, o vazio em que se finavam os mais incautos, abismo profundo...

A noite avivava todos os demónios. Aliás, ela era o reino por onde todos eles vagueavam. Nas homilias, os frades ensinavam que havia sempre demónios pululando este vale de lágrimas, atazanando e tentando os homens um a um. Enquanto se pudessem benzer, podiam estes mantê-los afastados, pedir a Deus e aos anjos proteção. Mas, mal fechassem os olhos para dormir, tornavam-se vulneráveis.

José escutara esses ensinamentos desde que se lembrava de ser quem era. Lembrava-se de, em cada domingo, escutar da voz do padre aquele terror reavivado. Por isso tinha pela noite um receio que só era superado pela esperança do alvorecer.

Durante muito tempo, permaneceu de olhos abertos, fitando o céu que os cobria. Junto a ele, Maria e as crianças dormiam. Tinham finalmente adormecido, depois de terem comido a parca refeição que mais uma vez lhes tinha sido reservada. Conceição complementara-a com raízes e ervas arrancadas e colhidas na beira do caminho. Mas a fome permanecera. Os primeiros frutos ainda vinham longe e a terra em torno parecia tão estéril como aquela que tinham abandonado.

*Deus, ajudai-nos nesta travessia. Fazei com que não me arrependa do que fiz; Protegei-nos do fidalgo. Não deixeis que nos alcance.*

Dom António era um velho fidalgo rezingão que, apesar da opulência em que vivia, parecia sempre zangado com o mundo. Maldito fosse. Como podia um homem abençoado pela sorte nutrir tanto ódio por quantos o rodeavam?

Mais do que com um punho de ferro, governava o seu senhorio com uma impiedade visceral. Era um ser mesquinho, voltado para si mesmo, como se o mundo girasse em torno da sua pessoa... Do alto da montada, ditava sobre a terra e sobre os homens que governava a sua própria lei: e a lei era que trabalhassem e produzissem para seu engrandecimento. Da sua torre de pedra, erguida sobre o monte mais alto, olhava os campos com os olhos melífluos de águia maldosa, o longo bigode eriçado desafiando o tempo, como se de um deus pagão se tratasse. E sempre que algo do seu desagrado era avistado, chamava o seu pretor — um homem pequeno e quase tão mesquinho como ele — e dava ordens para que o culpado fosse de imediato punido.

Nos seus domínios vivia-se num permanente ambiente de opressão e de medo. Desde que sucedera ao pai, morto numa batalha contra a mourama, décadas antes, o nobre exercia o seu poder de forma implacável, cobrando de todos os que o serviam com mão pesada. E a morte prematura da mulher parecia ter sido a gota de água... A bela senhora tinha sido, enquanto viva, a única pessoa à face da Terra que lhe conseguira moldar o carácter truculento, instilando-lhe alguma piedade e compaixão. Os raros momentos de bondade, se é que os tivera, tinham acontecido por sua exclusiva interceção. Era como um anjo pairando acima daquele demónio amargo e quezilento.

Ninguém sabia como pudera tão boa e serena senhora unir-se a tal homem. Mas o mundo era feito de mistérios. Feliz ou infelizmente, não lhe dera herdeiros. Dizia-se que felizmente, porque assim não tivera continuidade a sua semente. Outros acreditavam que provavelmente o nascimento de um herdeiro lhe teria amaciado a personalidade. Era impossível saber-se. A verdade é que a morte da mulher parecia ter encerrado definitivamente aquele coração implacável na arca de ferro que era o seu peito.

Não aceitaria a sua fuga e, mais do que a fuga, o facto de ter sido roubado. Esse pavor perseguia José, levando-o a evitar aldeias e povoados. Em cada curva do caminho, em cada novo dia, temia ser alcançado. Apenas as léguas que os separassem do senhorio os podiam salvar de um outro inferno. A lei do fidalgo nas suas terras era implacável.

Para o roubo, a morte! Para a fuga, igual destino. Morte seria, porventura, a palavra mais escrita no dicionário da sua vida.

*Fazei, Senhor, com que não nos alcancem!*, voltou a implorar.

#### 4

As trevas envolviam o mundo e eram cristalinas. Fitando o céu, cintilante de estrelas, Simão lutava contra a vinda do sono. Os pesadelos das últimas noites enchiam-lhe a alma de negros receios. Como forma de lhes resistir, agarrou num naco de pão e pôs-se a mastigá-lo, pensativamente.

*Deus, porque dormimos se a noite está povoada de criaturas malignas e de sonhos maus?*, interrogou na escuridão. Um silêncio espectral envolvia-o, como um manto de lã, tão denso que quase o obrigava a reter a respiração. *Deus, faz com que seja rapidamente manhã!*, implorou.

Um ruído sobressaltou-o, entretanto.

— Quem está aí? — interrogou a escuridão envolvente, ao mesmo tempo que se levantava, com o coração a bater mais forte no peito.

Respondeu-lhe o silêncio. O pão tornou-se tão amargo na boca que ele o cuspiu.

— Quem... está aí? — voltou a sussurrar à noite, com um nó agonizante a pulsar-lhe na garganta.

Perante novo silêncio, não se conteve e desatou a correr, como um ce-go, de um lado para o outro, ao mesmo tempo que continuava a gritar:

— Quem está aí? Quem está aí?

De repente, vislumbrou entre as sombras o bicho espavorido pondo-se em fuga — um coelho? Um gato-bravo? — e deixou-se cair, exausto. Foi então que se apercebeu de que tinha os nervos em frangalhos, e desatou a chorar.

*Oh, Senhor, pensou, quando terei sossego?*

Durante muito tempo, permaneceu prostrado, chorando, e só muito mais tarde se enroscou, desejoso de dormir, de esquecer.

Mas não conseguiu dormir... nem tão-pouco esquecer.

*Quando terei sossego?*, perguntava uma vez mais à muda escuridão, com os olhos postos no céu estrelado, cristalino da geada que começava a cair. E a mesma dúvida o assaltava, sem que tivesse resposta. O que teria acontecido depois da sua fuga? Como estariam os desgraçados dos seus pais?

— Filho desnaturado, alma do Diabo — estaria decerto, ainda, o progenitor a gritar, roído pela vergonha e pela raiva da loucura por ele cometida, perseguido e importunado pelos homens da justiça em busca de uma pista para lhe filarem as garras.

E a mãe, chorosa, a defendê-lo, desfeita pela dor:

— Não digas isso, criatura de Deus... Ah! Filho tresloucado! Porque tinhas de matar o homem? E logo quem ele era?!

E logo quem ele era!

Há dias que Dom Henrique era visto a rondar as proximidades, todo pimpão no cimo do seu cavalo malhado, mas nunca suspeitara de qual era ali, afinal, o seu intento. Aquilo era sítio de gente humilde. Mesmo depois de escutar certos sussurros, não quisera acreditar. Até que o viu com os próprios olhos. O fidalgote e Natércia, a desavergonhada, a qual acabara, após insistentes galanteios, por sucumbir à sevícia do malvado. E ele tão cego que não conseguira ver!

Como poderia ele imaginar que aquela que seria em breve a sua companheira para a vida iria entregar-se assim às mãos de um maldito fidalgote arrogante, que nada mais queria do que... Não, como poderia ele imaginar... Era porventura estúpido de mais para perceber...

Natércia era uma rapariga bonita. Na verdade, como poucas. E não lhe faltavam pretendentes na cidade e arredores. Contudo, fora a ele que ela acabara por prometer a sua afeição. Contra a vontade dos pais, que, sem saber porquê, nunca tinham gostado dele e não viam em Simão senão um pobre diabo que nunca viria a ter nada de seu — mero *servente de obras*, como ironicamente costumavam chamar-lhe, apesar de ele se ter revelado já um pedreiro promissor que poderia, por isso mesmo, dar à futura mulher estabilidade e

mesmo alguma abundância. Tudo dependeria das obras em que tivesse a sorte de trabalhar. A eles, porém, parecia que tal não bastava, pois já muitas vezes os ouvira comentar que ela não seria de «um qualquer», querendo com isso dizer que a queriam casada com alguém mais importante, quem sabe, um artífice próspero ou um mercador.

O pai, ante tal recusa ou esboço dela, dizia-lhe amiudadas vezes:

— Se não te querem, que procurem outro, que filho meu é ou não é querido. Não há cá meios-termos. Além disso, como podereis casar-vos se não receberdes dos pais a sua bênção? — A sua voz, avinagrada, ecoava no interior escuro do casebre e ele percebia que era escutada pelos vizinhos em volta, os quais viam naquela recusa um mau agouro. Claro que não faltavam casos de casamentos sem o consentimento dos progenitores, mas essa decisão implicava sempre um corte difícil, censurável, a que nem todos ousavam submeter-se. Por si, Simão tinha dúvidas se essa seria uma opção sensata e sempre a relegara para uma eventual análise futura.

A mãe, por seu lado, sempre mais conciliadora, tentava dissuadi-lo:

— Olha, meu filho, que não é por detrás de um bonito palmo de cara que se encontra a mor das vezes um coração afeiçoado e humilde. Quem vê caras, não vê corações — rematava, com a sabedoria do povo feita de gerações. Ele não percebia o que levava a mãe a manifestar tanto desagrado e achava que pretendia apenas dissuadi-lo sem o magoar. No entanto, aquelas palavras encerravam uma outra verdade. O facto é que tinha agora a certeza de que já então algo lhe dizia, a ela, mulher e mãe, que o filho não poderia ser feliz com aquela rapariga. Por várias vezes a ouvira insinuar que lhe faltava a humildade para aceitar todas as agruras que a vida, mais cedo ou mais tarde, poderia trazer e que os seus modos eram os de quem se julgava acima de quantos faziam parte daquele degrau ainda tão baixo da sociedade em que Simão se encontrava. Não que ela estivesse mais acima. Mas os pais pertenciam àquele conjunto de pessoas capazes de tudo para ascender a um estrato superior. E Natércia parecia comungar desse sentimento, mesmo que perante ele não o fizesse ostensivamente. Era falsa e fingida... como viria a descobrir, afinal, da forma mais humilhante. Tinha razão a mãe, a quem a vida ensinara os mil artifícios da mente humana e da vaidade terrena.

Ele, contudo, parecia que não via outra coisa na vida. Embotado pelo amor que lhe votava, qual bêbado falho de discernimento e de tino, vivia no mundo irreal e mágico dos tolos.

Como às vezes se iludia um homem!

Regressava dos estaleiros onde trabalhava e pensara, no último instante, passar pela casa dela. Foi então que se lhe deparou o triste espetáculo...

Quando *os* avistara naquele fim de tarde, prenúncio de noite, sentira-se de tal forma ultrajado que era como se todo o mundo lhe tivesse tombado sobre a cabeça. Não fosse a atitude comprometida dela e teria talvez hesitado, teria acreditado, ingénuo, que tudo não passava afinal de um abuso do outro.

Mas não. Os olhos dela disseram-lhe que tinha sido apanhada em falta, que o tinha traído e que não era nem seria nunca sua, pois já era daquele outro. Mulher fácil de quem busca com que se entreter. Barregã de fidalgo e mera geradora de bastardos era o que ela era! Que talvez a preferissem os pais barregã do que com ele casada.

E ali ficara ele, especado, de boca aberta, estúpido, olhando para os dois e tentando perceber onde se tinha enganado, com um calor tal no rosto e uma fúria tal que os seus olhos nada mais viam do que uma mancha vermelha. Vermelha de sangue. E foi a voz do sangue, precisamente, a que falou mais alto quando Dom Henrique, interrompido assim nos seus *afazeres*, zurziu sobre ele um chicote curto, bradando:

«Que queres daqui? Vai-te, cão!»

Ficara cego de fúria. Cão, sim. Um homem como ele apenas podia ser um cão. A palavra amargou-lhe na boca, encheu-lhe a cabeça de uma dolorosa ressonância, e ele fitou o fidalgo, medindo-o, como se já não valesse nada. Pobre diabo. De repente, foi como se tivesse perdido o comando do próprio corpo, possuído por um ódio cego e animal.

Que loucuras era um homem capaz de cometer, cego pela vergonha. De dentro dele, de dentro daquele manso cordeiro que sempre fora, saltava de repente um lobo feroz e sedento de sangue. Num acesso de raiva, perdera a cabeça, lançara mão da podoa pousada no muro por Natércia e...

E desde essa altura nunca mais parara. Havia que deixar para trás, o mais rapidamente possível, aquela terra amaldiçoada, iludir os cães e os homens que sabia haver na sua peugada.

Agora revendo todos os acontecimentos desencadeados naquela trágica tarde, prenúncio de noite, achava que o desprezo pudesse ter sido então a melhor atitude. Afinal, ela não era ainda sua mulher. Na verdade, não lhe era nada! Não valia nada para ele! Devia ter sido como uma pedra que se afasta do caminho — nem com desdém nem com desprezo, apenas porque nos impede a passagem.

Como às vezes se perdia um homem. Por tão pouco, afinal!

Com uma intensidade poucas vezes experimentada, o sangue ferveu-lhe de um ódio reacendido e ele cerrou os punhos com força, contendo-se para não esmurrar o chão. *Rameira! Devia tê-la morto igualmente a ela*, pensou, sem conseguir dominar a fúria crescente.

E com esta ideia se debateu até que, exausto e enregelado, aninhado como um bicho no fundo do buraco, voltou a sucumbir ao sono.

*Não matarás*, ecoava a voz no interior da sua cabeça. *Não matarás!*, trovejava a voz. E ele, prostrado de joelhos, suplicava:

— Perdoa-me, Senhor, que matei. — E a voz irada ignorava-o e bradava sem cessar:

— Não matarás!

Não matarás!

Mas ele, Simão, matara. Derramara o sangue do seu próximo e agora esse sangue estava-lhe nas mãos, no rosto, corria-lhe pelo corpo, num caudal sem fim.

E ele gritava:

— Perdoa-me, Senhor, perdoa-me. Não me transformes numa pedra, não me transformes num bicho sarnento, não faças vir sobre mim o fogo do Céu, livra-me do fogo do Inferno.

Mas eis que a voz lhe voltava as costas e, como uma névoa, como um vento de revolta, afastava-se dele, trovejando:

— Não matarás! Não matarás!

Ele, com as mãos estendidas, suplicava:

— Perdoa-me, Senhor, porque matei, mas estou arrependido.

E as suas mãos, o seu rosto, todo o seu corpo, eram um rio de sangue. Sangue quente correndo, rugindo. E do sangue vinha uma voz que dizia, lamentosa, como um vento da madrugada, frio, solitário:

— Mataste-me, vil, mataste-me, viiiiiiiil...

Despertou, banhado em suor, os olhos de súbito muito abertos de pânico. Olhou em volta, como um desvairado, mas apenas a voz do vento lhe chegou aos ouvidos. A névoa fria cobria o buraco. De Deus, nenhum sinal, nem do Diabo. Restavam-lhe a culpa, o remorso... e a recusa e a raiva. E a madrugada gelada. Encolheu-se um pouco mais, envolvendo-se o melhor que podia nos andrajos que o cobriam. Há muito que tinham perdido o aspeto de vestuário, assemelhando-se cada vez mais a um conjunto desconexo de trapos sujos e velhos.

Quem o visse facilmente o confundiria com uma fera enroscada na sua lura, e na verdade era assim que ele se sentia. Ainda com o pesadelo bem vívido na mente, suplicou:

— Perdoa-me, Deus Senhor, que sou a criatura mais arrependida e amargurada que neste vale de lágrimas poderás achar. Matei um homem, Senhor, mas juro-Te que de bom grado trocaria agora a minha vida pela sua.

Tu o disseste: *Sempre que vieres a mim em busca de perdão, o encontrarás*. Onde está, pois, Senhor, o Teu perdão? Há tantas noites que me lamento e arrependo. Não da justiça que fiz, mas do sangue que tive de derramar. Se não for pelo braço de um pobre, onde parará a ganância do rico homem? Onde, Senhor, se essa ganância assenta em todo o poder da Terra?

Os primeiros alvares do novo dia foram como um véu que veio afastar os seus fantasmas, toda a noite reavivados.

Exausto e enregelado, ergueu-se, lançou o olhar ao novo troço do caminho e, depois de ter pegado no alforge, voltou a pôr-se em marcha, desconsolado. Todo o corpo lhe doía, mas ele mal tomava consciência desse facto,

com os olhos perdidos em volta. Solidão salpicada, de longe em longe, por modestos casebres que um torrão mal-amanhado tentava alindar. Que terra de pobres aquela!

Os ricos, senhores fidalgos, assenhoreavam-se de tudo, e o pobre, por mais que cavasse, por mais que lhe pingasse o suor, não seria dono, nunca, de coisa nenhuma. Senão daquela miséria sem fim. Malditos fossem! Como se não bastasse, tentavam passar para trás quem nada tinha de seu, fazendo alarde do que possuíam para cativarem também as raparigas, fossem ou não plebeias. O que lhes interessava? O que lhes interessava toda a gente sabia. Não lhes bastavam as terras, o dinheiro, os obséquios e a servidão permanente do povo — queriam também as mulheres... Por nada, senão pelo prazer de mais uma conquista, que era sabido que sangue de plebeu não se misturava com sangue de nobre. Como o azeite e a água. Por isso se ficavam chamando de bastardos aos filhos desses enlaces.

Mas talvez na sua vaidade os pais de Natércia achassem que o facto de um rico homem lhes ter cobiçado a filha pudesse ser, mais do que uma devassidão, uma honra, um privilégio. Porventura, acreditando que, não fosse ele tê-lo morto, pudesse o desgraçado vir a desposá-la. Velhos tontos!

E o néscio que ele tinha sido, que só muito tarde fora capaz de ver a verdade. Ele, Simão da Cruz, agora o maldito, o assassino...

Sujeitava-se assim um homem a perder-se na vida, excomungado da sua sorte. Injustiça do mundo. Injustiça dos homens.

*Se Deus é grande, um dia tudo mudará,* pensou, amargo.

No entanto, não faltavam os que, precisamente, atribuíam a Deus todas as agruras e contingências da vida. Deus explicava tudo na boca daqueles que sabiam servir-se das palavras e que, socorrendo-se de ardis, moldavam o pensamento dos mais simples. Os homens da Igreja, sim! Eles que proclamavam o amor de Cristo e que, em contrapartida, se comportavam, tantas vezes, como verdadeiros demónios... Sim, e, todavia, se não fossem eles, quem daria a conhecer, naquele *latinório* inacessível ao comum dos mortais, a palavra sagrada? Mas seria efetivamente *aquela* a verdadeira Palavra? Quem poderia asseverá-lo senão eles? Quem podia ter a prova senão os que guardavam os livros zelosamente? Quanto do que ensinavam seria realmente verdade? Como aquela certeza de que o mesmo Deus fizera ricos e pobres: uns para usufruírem das coisas do mundo, os outros para a submissão sem recusa?!

*Ab, Senhor, como é difícil compreender os Teus desígnios!*, pensou com tristeza. Depois disse uma prece pelo bom rei que os céus haviam dado a Portugal. Desde os primeiros momentos do seu reinado que el-rei D. Dinis demonstrara intenções de olhar como um legítimo soberano para o seu povo. Justo e amante dos seus, todos o viam como uma esperança de melhores dias. Ele e a sua boa senhora, a Digníssima Rainha Dona Isabel. Todos, menos os poderosos: fidalgos e clérigos. Sim, só esses pareciam não gostar do rei que tinham. Em 11 anos de reinado, D. Dinis tinha mudado a face do reino, prossequindo com a política de inquirições iniciada por seu pai, D. Afonso III, o



qual pretendia deste modo obrigar os grandes proprietários a fazerem prova das terras que detinham, muitas das quais veio a comprovar-se tinham sido sonegadas ao longo dos anos aos anteriores soberanos. Esta medida e outras de centralização de poderes nas mãos da Coroa tinham criado tensões e inimizades entre el-rei Afonso e os seus nobres e clérigos.

D. Dinis herdara esta situação quando subira ao trono muito jovem ainda, por morte do pai, em 16 de fevereiro de 1279, e os primeiros anos ocupara-os a percorrer o território, escutando e acudindo ao povo que governava, concedendo forais, sentindo o pulsar do reino, nas suas vicissitudes e méritos, nas suas fragilidades e na grandeza da sua alma. Esta presença constante, que visava lembrar a todos que era ele o soberano e senhor, fora acompanhada por um esforço de pacificação que finalmente dava os seus frutos. A clarificação de muitas situações dúbias, que culminara no ano anterior com a condenação de todas as usurpações, era o início de uma nova era — cria ele e criam muitos.

Lembrava-se ainda do dia não muito distante em que D. Dinis passara de visita por Guimarães, onde o povo o aclamara. Ele, Simão, estava lá, entre a multidão eufórica, e vira-o com um grande sentimento de júbilo. O rei caminhava como uma promessa de melhores dias. Muitas medidas estavam a ser tomadas — diziam os mais entendidos — e acreditava-se na tomada próxima de outras, as quais viriam mudar a face do reino.

Porém, nada mudaria a sua condição de criminoso. Que rei lhe perdoaria o facto de ter morto um homem, fidalgo sendo?

Ao fundo, esbatendo-se na paisagem, erguiam-se os contornos do Marão, serra grandiosa em terra de coisas pequenas.

Por momentos, quedou-se, consciente da sua própria pequenez, olhando o traço altibaixo do horizonte, e os olhos brilharam-lhe com um novo brilho. Alguns dias mais e chegaria lá.

A terra que existia para lá daqueles montes era chão de brumas e de seres mitológicos, fosse qual fosse o significado dessa afirmação. A sua imaginação falava-lhe de vales profundos e de florestas tenebrosas, mas também de água, de sol e de ventos mágicos. Ventos que assobiavam do cimo dos ciprestes, dos altos cedros, mas também dos castanheiros, das oliveiras e dos sobreiros, árvores generosas de onde os povos tiravam o sustento das famílias.

Os que alguma vez tinham ousado desvendar-lhe os mistérios contavam que, lá, os homens eram rudes, mas também magnânimos, tal como a paisagem. Grandes fragas de granito irrompiam do chão, como berlindes lançados por mão de gigantes e depois deixados esquecidos, abandonados no fundo de vales profundos ou no cimo de montanhas íngremes como o Gólgota.

Não sabia exatamente onde fora buscar aquelas ideias, mas era assim que imaginava aquela terra distante. Certamente, fruto de histórias ouvidas

da boca dos mais velhos, de lendas e de conversas trocadas ao calor da lareira, ou sob a luz das estrelas, em noites de estio.

A sua imaginação estava repleta de imagens, de alegorias sobre a forma como Deus moldara aquela terra misteriosa. Diziam os antigos, pela voz dos mais velhos, que as crônicas do tempo tinham sido escritas por povos fantásticos chamados Romanos, Visigodos e Bárbaros, os quais haviam chegado em épocas diferentes, e todos tinham ficado fascinados com a beleza e com a fartura de metais preciosos.

Senhores de grandes exércitos tinham conquistado aos povos autóctones os povoados, os rebanhos e as courelas grávidas de cearas e de pomares. Mais tarde tinham-se miscigenado com eles, dando origem aos homens e às mulheres que agora povoavam os vales férteis e as cidades e vilas recônditas.

Dizia-se que a Real Póvoa a que el-rei dera foral ficava lá longe, escondida entre montes, florestas e vales profundos.

Lá, onde o faro dos cães e a cobiça dos homens se perdiam...

## 5

Fora uma noite de inferno, primeiro entregue aos seus próprios medos, depois afligido pelo lamento dos filhos, que tinham choramingado no sono a sua fome. Logo quando o Sol começou a nascer, José agradeceu aos céus as tréguas que lhe eram dadas, erguendo-se de imediato e começando a atrelar a mula. Feito isso, chamara as crianças, que, com as mantas já dobradas debaixo do braço, se acomodaram na carroça, agora silenciosas e cabisbaixas, como se a noite lhes tivesse esvaído todo o ânimo. Conceição sentou-se a seu lado, em silêncio.

Em que pensaria ela?

O Sol não subira ainda completamente aos céus e já eles se punham, de novo, a caminho.

— Se Deus Nosso Senhor quiser, hoje comeremos — disse José a dada altura, e não conseguiu ter a certeza sobre se falara apenas para si ou em voz alta. Tentou sorrir para os filhos, os quais permaneciam quietos e calados. A dúvida da sua própria sanidade assaltou-o. E foi com grande surpresa e emoção que a meio da manhã avistou, por detrás de um maciço de árvores, um fiapo de fumo que subia para o calor agradável do meio-dia.

Era família de camponeses que pouco tinham de seu e viviam longe do mundo, apegados a um pequeno torrão encravado entre bosques densos, de onde — podia facilmente concluir-se — muito a custo tiravam o suficiente para viver. Pai, mãe e cinco crianças, sujas e enfezadas, ficaram a olhar para os recém-chegados com temor e desconfiança. Era evidente que a chegada de estranhos os assustava, como acontecimento raro e tantas vezes perigoso. No entanto, logo o receio se desfez e, ao pedido de José, rapidamente se apresentaram a dar-lhes alimento. Enquanto comiam umas papas feitas de farelos e troços de couves, no interior escuro e fumarento do casebre, não se trocou

palavra, ao que José intimamente agradeceu, envergonhado da sua pobre posição. Pelo canto do olho, tentava observar melhor os seus benfeitores, e o seu constrangimento foi maior ao perceber como naquela penumbra a pobreza assumia contornos ainda mais fortes. Descalços, os corpos cobertos por autênticos andrajos, toda a família os fitava, numa reclusão humilde, como quem espera pacientemente e teme perturbar. As crianças, todas de tenra idade, eram as que menos disfarçavam a curiosidade que os estranhos lhes suscitavam. Certamente que a presença de gente naquelas paragens devia ser coisa inusitada, o que explicava a desconfiança inicial com que haviam sido recebidos. De olhitos arregalados, como pequeninos lobos, perscrutavam os desconhecidos, fazendo incidir a atenção sobre os mais pequenos.

O chão da cabana era de terra batida e havia por todo o lado bocados de palha e caruma misturados com dejetos de animais, os quais andavam, para cá e para lá, com o à-vontade de quem partilha sem temor a companhia dos humanos. Porém, também eles mostravam que os dias de abundância eram poucos e que, tantas vezes, a fome era a companheira de muitos dias. No geral, era assim a vida das gentes pobres: um espaço exíguo e escuro, lamacento e frio no inverno, malcheiroso e cheio de moscas e mosquitos nos dias quentes. No entanto, ali, tudo parecia muito mais desmazelado, muito mais pobre e sujo, fruto porventura do isolamento em que viviam. Não havia tempo senão para trabalhar a terra de sol a sol. Um senhor avaro, certamente, cobrava um imposto pesado e deixava os súbditos quase na penúria. José refletiu sobre tudo isto com tal agudeza que as papas custavam a descer-lhe pela garganta, apesar da fome de dias. E foi grande o seu embaraço quando, ao despedir-se, o dono da casa, o mandou esperar, ordenando à mulher que trouxesse uma boroa de pão escuro e juntasse no fundo da carroça um punhado de castanhas. Qualquer pessoa perceberia o que significava tal gesto, a necessidade que mais tarde fariam àquela família aquele pão e aquelas castanhas...

— Deus lhe pague — conseguiu José balbuciar. Depois, incapaz de outra coisa, num assomo de gratidão, pegou no arado que trazia na carroça e desceu-o. — Para que não seja tão grande o dano — gaguejou.

O outro fitou o arado, num misto de humildade e sofreguidão. José pôde perceber o que significava para aquele homem possuir um tal utensílio, o que significava para qualquer agricultor, perdido no meio de nenhures, aquela oferta, e quase de imediato se arrependeu por ter abdicado voluntariamente da posse de uma ferramenta daquelas. Aquilo podia significar melhores colheitas, um melhor nível de vida, mais alimento para a família. Naquele lugar sem Deus, um arado com relha de ferro era um achado dos céus. Era na verdade o milagre que todo o servo da terra pedia todos os dias aos anjos e aos santos. A luz nos olhos do outro durou um instante e apagou-se de imediato.

— Ora essa, não posso aceitar tal coisa — disse, entre firme e desgostoso. A mulher, certamente mais prática, olhava-o, surpresa, incapaz de perceber porque negava ele tal benesse. Afinal, não era mais do que uma paga justa pelo sacrifício que estavam a ter ao cederem bens tão necessários. Ou não se lembraria ele de como eram já tão poucas as castanhas?!

José hesitou, vendo ali uma oportunidade de voltar atrás. Um agricultor sem um bom arado era como uma carroça sem rodas: o esforço de executar o trabalho da lavoura era muito mais duro e menos frutífero. Colocara grandes expectativas naquele arado quando resolvera trazê-lo, e, agora, talvez a sua gratidão tivesse ido longe de mais. Mas já não havia remédio. Tinha dado em consciência e a consciência do seu arrependimento ainda o fez insistir com mais ênfase. O seu arrependimento e o olhar hostil da mulher, perante a probabilidade de ele voltar atrás. Mas não a recriminou. Quem a fazia assim era a pobreza. Só não o perceberia quem não soubesse o que tal significava.

— Não diga que não — insistiu José. — Nós, pobres, sabemos o que estas coisas custam — disse, e não soube se falava pelo outro se por si. Olhou em volta como se com aquele olhar quisesse sublinhar as suas palavras e retirar-lhes qualquer significado equívoco. — Poderá ser-lhe de útil serventia, e assim... se compreende... — Sem mais, subiu para o carro e sacudiu as rédeas. *Nos dias que aí vêm, haverá com que matar a fome dos filhos*, pensou, mas isso só muito levemente lhe fez atenuar aquele sentimento de quase arrependimento. *Deus me perdoe tamanha ingratidão*. Sem que disso se tenha dado conta, começou a cantar. Maria da Conceição, julgando perceber nessa atitude a exteriorização de uma grande alegria, esboçou um sorriso, mas não disse nada. Ainda não conseguia perceber como o pai dera assim de repente uma coisa que tanta falta lhe viria a fazer. Mas, se isso pudesse calar os irmãos nos próximos dias, então também ela estava pronta a concordar com ele.

Aqui e ali, um casebre assinalava a presença de gente; mais acolá, meia dúzia assinalava uma pequena povoação; sobre um outeiro, uma torre ou um mosteiro vinham sempre mostrar que tudo quanto se podia ver era sempre de um qualquer senhorio. Deus quisera ao longo dos tempos, desde que o homem era homem, que a poucos pertencesse o mundo, e nada aos muitos pequenos que nele havia.

Simão avistou ao longe as ameias de um castelo e passou de largo, prudente, não fosse alguém abordá-lo. De onde estava, pôde ver as courelas ao fundo, onde minúsculos seres labutavam, vergados. Mais adiante, dois cavaleiros pareciam conversar sobre as suas montadas. À direita, quase insignificantes, entre as árvores, alguns casebres, de onde se erguia fumo... Um velho que mal conseguia endireitar-se podava adiante um renque de sebes. As sebes do senhor para quem trabalhava.

Um cão ladrou, algures, e ele semicerrou os olhos, procurando a razão de ser daquela agitação. Depois viu que era apenas um rebanho que subia em direção ao castelo. Um moço vestido com um capote e levando ao ombro um alforge conduzia-o com uma pequena vergasta na mão. Ao passar junto dos dois cavaleiros, baixou a cabeça e prosseguiu, humilde.

Simão respirou fundo e prosseguiu, também ele, o seu caminho, passando de largo.

O sentimento de revolta contra si mesmo acompanhou-o toda a manhã e Maria da Conceição acabou por perceber o que a atitude irrefletida do pai

representava agora de arrependimento e desagrado. Percebia o quanto lhe custava a constatação daquela realidade: de que, movido por um impulso pueril e ingénuo, cedera parte do futuro da família. Pior do que isso, só perder a mula ou a carroça, ou ambos. Um arado era uma máquina fantástica, mágica, a cobiça de qualquer lavrador. E ele abdicara dela num impulso.

*Porque farei sempre tudo num impulso?*, perguntava-se José. E uma vez mais pediu perdão pela sua falta de coerência. O que dera, estava dado, e era bom que o seu coração encontrasse a paz necessária para que o aceitasse sem arrependimentos nem recriminações.

No entanto, aquele sentimento veio adensar um outro, feito da suspeita de que pudesse haver no seu encalço perseguidores enviados pelo lorde. O arado, deixado para trás, seria agora um indício comprometedor que ele, por ignorância, por imprudência, plantara na trilha. Se os perseguidores dessem com aquele casebre abandonado no meio de nenhures, rapidamente perceberiam que tinham passado por ali. Encontrá-los seria um instante, que aqueles cães sarnentos liam os rastros como ninguém.

*Deus, porque me dás a cada momento razões para me arrepender? Porque me afliges com tantas dúvidas e temores?*, perguntava-se, orando.

Foi então que o som de cascos ecoando no caminho atrás de si o fez explodir de angústia. Instintivamente, Maria da Conceição encostou-se a ele e ambos trocaram um olhar assustado. Felizmente, os pequenos dormitavam no fundo da carroça e não se aperceberam da aproximação do grupo de cavaleiros.

## 6

Num momento, estava o céu limpo, de um cinzento-azulado, e o sol brilhava, cálido, na manhã plena de perfumes, e no momento seguinte começaram a formar-se pequenas nuvens ao longe que rapidamente se avolumaram, acabando por desabar sobre a terra erma em furiosa trovoadas. Simão sabia como eram comuns aquelas borrascas súbitas. Por isso, limitou-se a acolher a chuva, resignado. Caminhava curvado, tentando dessa forma proteger a cara das rajadas agrestes. O jeito que não lhe daria naquele momento um capote, como o que vira sobre os ombros do pastor no início da manhã!

A serra desolada, só fragas e carquejas, acolhia a chuva insistente sem nenhum abrigo para lhe dar, e Simão rapidamente se viu ensopado até aos ossos e enregelado. As suas vestes, velhas e esfarrapadas, davam-lhe o aspeto de um espantalho. As botas, feitas de peles de diversos animais, eram as únicas que resistiam apesar de tudo, mas também elas estavam ensopadas. Dentro delas, os pés frios. Uma fogueira seria naquele momento um milagre.

O céu não parava de escurecer, tornando-se tão negro como uma noite que tivesse descido sobre a Terra. Era riscado, de momentos a momentos, por ígneos trovões, os quais vinham ribombando, troando, cada vez mais assustadores, pelas paragens em redor. Curvado à intempérie e temendo o esgar irado dos céus, Simão buscava com o olhar aflito um buraco ou um espaço entre duas fragas, um sítio recôndito dentro do qual pudesse proteger-se da ira

de Deus lançada sobre a Terra. Todavia, durante muito tempo, procurou em vão. Quando, por fim, vislumbrou por entre a cortina líquida uma espécie de gruta entre duas rochas enormes, exultou, e, correndo como um doido, dirigiu-se para o local dando graças a São Pedro.

No instante em que entrou, não se apercebeu de que o local estava já ocupado, e, ao ouvir a voz que lhe falava, sobressaltou-se, assustando-se.

— Que tempo para vaguear, hem?

Simão forçou os olhos, pouco habituados ao breu que os envolvia, e só então conseguiu vislumbrar na penumbra da cova a figura rústica do que supôs ser um pastor, com as mãos cruzadas sobre uma longa vara, tendo ao ombro a saca do farnel.

Era um velho. Pela cabeça, tinha um capuz que impedia que se lhe vissem melhor as feições.

— É verdade — tartamudeou Simão. — Está o tempo rude.

— E vossemecê, que afazer vos traz pelos montes? — tornou o outro.

Simão hesitou. De repente, não sabia que dizer. Nem tão-pouco desejava que a sua pessoa fosse o fulcro de qualquer conversa que pudesse estabelecer-se.

— Bem, pode dizer-se que estou de viagem. O gado? — perguntou, para mudar o rumo ao diálogo.

— Aqui atrás — respondeu o pastor, indicando uma direção que podia significar qualquer lugar. Depois, perante a vacilação de Simão, acrescentou: — Ficaram lá fora. Não as ouvis, aqui atrás de umas fragas? Os cães são valentes e guardam-nas. Além disso, não poderia meter aqui cem cabeças.

Simão acenou em concordância e foi sentar-se mais próximo do seu interlocutor. Com os olhos habituados à penumbra, podia agora distinguir-lhe mais facilmente as feições. Havia algo nele que o fazia sentir-se seguro. Arreganhava as gengivas desdentadas, num sorriso cómico que parecia querer agradecer a companhia. Uma espécie de simplicidade e aceitação sem reservas.

— Tendes fome? — perguntou o velho, estendendo um naco de pão negro e uma lasca de queijo perfumado.

Simão recusou com cortesia, apesar da vontade de aceitar. Não queria deixar transparecer o seu desamparo. Todavia, não era coisa que pudesse disfarçar por muito tempo, perante o olhar arguto do outro, observador atento. Por isso confessou:

— O que eu tenho é frio. Quem diria que tínhamos hoje este tempo...

— É verdade. Estava um dia soalheiro. Pegai, cobri-vos.

Simão da Cruz aceitou a manta e, agradecido, pô-la sobre as costas en-sopadas.

— Deus vos pague.

— Ora, nos tempos que correm, temos de ser uns para os outros. Dizíeis então que ides de viagem... Não está na verdade tempo de viagens! Para onde ides?

— Ora, por aí, em busca de um torrão onde uma criatura possa ter algo de seu e fazer a sua vida.

— Ah! Quem me dera ser ainda um rapaz. Esta é a última vez que saio com o rebanho. O meu senhor diz que estou velho e já não tenho a mesma agilidade e agudeza de vistas. E apesar de nunca ter perdido uma ovelha, nada posso fazer senão resignar-me. O tempo passa e não perdoa, e, quando chegamos a velhos, pouco podemos fazer. É assim. Mas contra isso nada há que se faça. O pior é quando os filhos já não nos querem aturar nem o senhor dar-nos proteção. Graças ao Altíssimo, não é o meu caso, que tenho bons filhos e um senhor que não é dos piores, ao que ouço dizer. — Dito isto, suspirou. — Deus vos ajude a encontrar o que buscais.

Simão não disse nada. A chuva continuava a cair em torrente. Trovões ribombavam a espaços. Parecia que lá fora toda a natureza se digladiava, que deuses e demónios travavam uma vez mais a batalha dos tempos. Simão sentiu um arrepio a percorrê-lo e, por fim, murmurou:

— Deus vos ouça.

O grupo de cavaleiros passou por eles sem parar, ignorando-os, e rapidamente se perdeu numa nuvem de poeira, na curva seguinte do caminho. Quem seriam e qual o seu destino, para assim passarem cavalgando sem atentarem em quem encontravam na estrada? Eram por certo cidadãos de alguma vila próxima que se deslocavam por algum negócio cuja urgência era evidente... Os corações ainda lhes pulsavam no peito e por longos momentos permaneceram calados, fitando o trilho que se perdia entre as árvores.

As primeiras gotas de chuva começaram a cair, mas não se aperceberam delas de imediato. Apenas quando as crianças despertaram, atingidas pela batedeira, se deram conta de que era necessário procurar um abrigo, pois vinha lá tempestade.

— Bendito sejais, Senhor! — murmurou José, e Conceição apertou-lhe o braço, transmitindo-lhe desse modo o alívio que também ela sentia. E foi então que concluíram que os cavaleiros iam certamente com pressa, esperando furtar-se à chuvada que lá vinha.

A débil chuva depressa se transformou numa tempestade pré-primaveril, fustigando os montes em volta.

— Em tempos que já lá vão — contava o velho, incapaz de calar-se agora que achara um ouvinte —, toda esta zona era zona de guerras constantes. Bandos armados de ladrões e mouros sem mãe vinham, de tempos a tempos, e assolavam a terra como pragas. E então era o morticínio, a destruição. E, depois disso, a fome e mais morte, e assim sucessivamente. Tempos amargos e difíceis. O povo, desamparado, não tinha quem o defendesse, e todos quantos vinham apenas queriam tirar-lhe o pouco que tinha. Vi os meus pais serem mortos, e, mais tarde, dois irmãos. Mas não se morria só pelo fio da lâmina. Havia a fome e havia as febres, muitas vezes mais implacáveis do

que os bandos de salteadores, como uma maldição de Deus! Poucos resistiam. Era a vontade do Altíssimo, e, contra isso, nada podiam as Suas criaturas. Depois, eis que chega Dom Juvenal e, à força de armas, impõe a paz nestas terras. Os primeiros tempos foram melhores. Havia sossego e as colheitas rendiam. Mas tudo tem um preço, e, então, o fidalgo aumentou os impostos. Dizia que a abundância era inimiga dos pobres e que, além disso, precisava de alimentar os seus soldados e que sem soldados não haveria paz nem estabilidade. Não haveria segurança. Mas muitas vezes, eram os próprios soldados a trazer-nos a morte, a levar-nos as filhas e as nossas mulheres, a comerem o nosso pão. E a verdade é que se a população não tivesse algumas vezes acorrido a pegar em armas, possivelmente Dom Juvenal teria sido morto e despojado das suas terras pelos invasores que depois vieram. Vinham mais organizados e em maior número. Com os nossos braços se construiu a fortaleza. Mas nem assim nos foram reduzidos os impostos. Os populares não podem querer outra coisa que não servir o seu senhor. Os últimos anos têm sido de paz. Dêmos graças ao Senhor, Nosso Deus, amém! — O velho pastor persignou-se. Depois prosseguiu: — Um dia, andava eu pelos montes, avistei um bando de cavaleiros pesadamente armados que se dirigia sorratamente para o castelo. Era novo então e rapidamente conduzi o rebanho para as muralhas e, cá de baixo, gritei o alarme. Acorremos todos às muralhas: povo, soldados, todos em armas. Combatemos o cerco durante dois dias. Por fim, os sitiantes abandonaram estas terras, deixando para trás muitos mortos e feridos. Lembro-me de os mortos serem lançados aos cães e de os feridos serem maltratados pelo povo em fúria e por fim enforcados. Apenas um foi solto. Para que levasse a mensagem de que a mesma sorte estaria reservada aos que ousassem fazer frente ao dono deste lugar.

Encolhido a um canto, Simão escutava o devanear do velho e também ele recordava tempos de guerra e de morte. Agora afastada definitivamente a mourama, nem por isso a guerra tinha terminado, e se não eram já os infiéis que os atormentavam, eram os salteadores: bandos de rufias que se escondiam nas profundezas dos bosques ou em fundas cavernas e que viviam, como parasitas, do que o povo produzia. Irrompiam durante a noite ou emboscavam-se na dobra dos caminhos, como matilhas de cães famintos e selvagens. Roubavam, matavam os homens e violavam as mulheres, e, depois, como se não passassem de um vento aziago ou de um bando de demónios, esfumavam-se, desapareciam das vistas... até à incursão seguinte. Os lordes, munidos dos seus exércitos, faziam-lhes batidas, mas quase sempre com resultados pouco expressivos. Os fora da lei eram matreiros e, além disso, usufruíam da vantagem de conhecer o terreno, com todos os seus secretos recantos, reentrâncias e cavidades. Nem os cães mais bem treinados conseguiam grandes sucessos. Um dia, contudo, tinham capturado com sucesso, depois de terem conseguido encurralá-los e após renhido combate, doze maltrapilhos. O sentimento de júbilo dos populares foi enorme. Penduraram os infelizes — como se de troféus de caça se tratassem — num carvalho alto



existente na interseção de caminhos à entrada da cidade, para que todos pudessem apedrejá-los e cuspir-lhes, e durante três dias sofreram a fúria dos que passavam. Morreram com grande sofrimento. Estivessem eles nas profundas dos infernos!

O velho dizia lembrar-se igualmente de ver exércitos de Castela assolarem aquelas terras. Isso fora há muito tempo, era ele ainda menino, e reinava então D. Sancho II, tio do agora D. Dinis, pela graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves.

— Um rei fraco, aquele — confidenciou o velho pastor com um sorriso envergonhado.

Falava como se o tivesse conhecido. E tinha, disse ele a seguir.

— Ainda bem que abdicou para o irmão D. Afonso o III. Conheci o pai de el-rei nos primeiros anos após ter sido coroado. Era ainda mero zagal, e andava aqui perto com o rebanho, quando avistei, vinda por aquela estrada que passa aqui por detrás — apontou o fundo da caverna, dando a entender que era naquela direção —, uma grande comitiva de nobres, damas, homens apeados e a cavalo, carros e mulas, uma multidão que só visto... Era el-rei D. Afonso que vinha, dizia-se, de muitos meses de guerras no *al-Gharb*, a caminho da Corte, em Guimarães. Aqueles homens que o acompanhavam eram parte dos exércitos que ele tinha empenhado contra a mourama. Sim, era um rei perro, aquele, montado no seu alazão. Este, o filho, dizem que é mais dado às poesias. No entanto, não deixa de ser um homem de coragem e de convicções. Herdou do pai o saber e o entendimento. Prosseguiu a obra do progenitor e sossegou o reino. Parece que foi ontem que um feneceu e o outro subiu ao trono.

Sorriu. Depois, num suspiro, acrescentou:

— O tempo passa depressa, e eles também morrem. Faz agora onze ou doze anos que el-rei começou a governar-nos. Tinha dezoito quando subiu ao trono. Deus lhe conceda muitos de vida. Amém! — Por momentos, remeteu-se ao silêncio. Depois, como se este pesasse, observou: — Bem, parece que parou de chover.

Na falta de abrigo melhor, recolheram-se debaixo da carroça, onde permaneceram enquanto a chuva caía furiosamente, fustigando as terras em volta. A cortina de água transformara o mundo num cenário diluviano de frio e de sombras. A mula, atrelada e impossibilitada de se furtar ao aguaceiro, aguardava, pacientemente, com a cabeça pendente e os olhos fitos no chão. José tinha-lhe prendido as rédeas para que não largasse assustada por um trovão. Relâmpagos riscavam o céu, a espaços, seguidos dos ribombos que ecoavam nas covas dos montes como urros de gigantes irados.

Assustadas pelos esgares da luz e pelo ronco dos trovões, as crianças encolhiam-se, escondendo o rosto no regaço da irmã mais velha. Conceição, por seu lado, orava a Santa Bárbara para que os protegesse da fúria dos céus. A santa pareceu escutá-la. A tempestade afastou-se e foi procurar outras paragens onde abater a sua fúria.

Com o fim da intempérie, abandonaram o abrigo e prepararam-se para retomar a marcha.

A tempestade foi como veio, e o sol brilhou de novo no céu. Os dois homens ergueram-se e saíram do buraco. Cá fora, as fragas e os arbustos luziam, cobertos por gotículas de água, e os ramos dos poucos pinheiros dispersos pingavam. Tudo parecia mais verde.

— Vou ver o gado — informou o pastor sem se mover.

— E eu volto a partir — informou Simão. — Agradeço-vos a manta e a companhia.

O outro arreganhou as gengivas desdentadas, num sorriso franco.

— Ide com Deus!

— Ficai com Deus também — replicou Simão, o da cruz, e pôs-se a caminho. Não olhou para trás.

O velho ficou ainda imóvel durante algum tempo e depois foi em busca do rebanho. A sua voz rude ecoou pelos montes, chamando os cães:

— *Fusco, Pretinho!* A pé, malandros!

De longe, Simão escutou a sua voz agreste mas jovial e sorriu. Há muitos dias que não se sentia bem com alguém, bendito fosse Deus!

Velho danado, aquele... Falava pelos cotovelos...

## 7

Depois de saciada a fome, as crianças mantinham-se agora quietas e caladas. Maria da Conceição olhava-as disfarçadamente e sorria. A fome era, na verdade, o maior dos tormentos por que passavam as populações menos abastadas. Podia lembrar-se do que significavam os anos de carência e de miséria. As populações deitavam-se e acordavam desconsoladas, os mais pequenos não paravam de se queixar, e todos os dias havia alguém que sucumbia. Principalmente crianças e velhos. O mundo era mais negro nessas alturas.

Sem outras possibilidades, os famintos palmilhavam os montes desenterrando raízes, e até as ervas mais desagradáveis serviam de alimento em última instância. O estranho, contudo, é que havia sempre aqueles a quem a fome parecia não atingir. Corriam então rumores de coisas hediondas que eram praticadas para a saciar. Maria da Conceição nunca vira nada com os seus próprios olhos, mas era verdade que havia casas onde o fumo continuava a sair, quando noutras o fogo há muito se tinha apagado. Falava-se de pactos e de banquetes diabólicos. Havia mesmo histórias muito antigas que eram quase lendas. Rezava o povo que um dia, há muito tempo, numa altura em que a fome grassava tão negra que passara de anos para anos, constatou a população de uma aldeia — ninguém sabia que aldeia era essa, apesar de muitas vezes lhe atribuírem o nome que mais lhes convinha — que havia uma família que parecia imune aos seus efeitos. Todas as noites havia fogo dentro de casa, a jurar pelo fumo que se elevava por entre o colmo do telhado, e alguns juravam mesmo que o cheiro que de lá provinha era delicioso. Então, um dia,

o povo juntou-se e foi ver o que se passava. Ao abrirem a porta, viram, no espeto, uma perna humana que assava ao lume. Instados a responder sobre de onde proviera aquela carne indigna, a família respondeu que recorria aos túmulos recentes e aos cadáveres que haviam sido enterrados pouco antes.

Quando Conceição pensava nestas histórias, toda ela tremia, repugnada, mas a verdade é que, quando a fome era intensa, tornava-se frequente as pessoas darem-se a práticas próprias só das feras. Perdiam completamente a razão, e mesmo as coisas mais hediondas serviam para meter à boca e calar os estômagos.

Afastou estes pensamentos, consciente de que só pensava em comida quem tinha fome ou temia sofrer os seus efeitos nefastos.

Em volta, o sol derramava um morno calor sobre a tarde. Conceição respirou fundo, aspirando os perfumes que se libertavam do chão molhado. Mais algumas horas e a noite voltaria a cair.

*A última foi fria*, pensou. No entanto, eram-no cada vez menos, com a chegada da primavera. *Em breve retornarão os dias quentes de sol*, disse para consigo, sentindo com agrado o calor sobre as costas.

Simão passou a sentir-se bem consigo e com o mundo. E talvez por isso tenha resolvido entrar na povoação mal a avistou. Era um povoado de tamanho considerável que se estendia ao fundo na verdura de um vale. A consciência do tamanho, e de que mais facilmente poderia confundir-se entre a multidão foi um dos pormenores que o encorajaram. Confiante, dirigiu-se para ela. Transpôs uma velha ponte de pedra que cruzava um grande rio e seguiu por um conjunto de ruas estreitas e enlameadas: estranhamente, poucas eram as pessoas que via no seu caminho, e as que avistava corriam todas na mesma direção, como que possuídas de um frenesim. A curiosidade levou-o com elas. Por entre os telhados baixos, podia avistar adiante a torre de uma igreja: era para lá que pareciam convergir. Os sinos começaram a repicar. Até os cães vadios tomavam a mesma direção, atraídos pelo nervosismo da gente. De repente, o seu ânimo pareceu esmorecer e, por momentos, Simão hesitou. *Volto para trás ou passo de largo?*, perguntou-se. Algo de importante acontecia, e essa certeza, sem que soubesse porquê, deixava-o nervoso e inquieto. No entanto, a curiosidade era grande também, e pensou que, no meio de tudo, porventura não o notariam. Avançou, pois.

A alguma distância, começou a ouvir vozes e gritos: uma multidão enraivecida aglomerava-se no largo fronteiro à igreja, em torno do pelourinho. As imprecações estavam repletas de ódio. Havia uma grande agitação. Simão sentiu algo tremer dentro de si quando percebeu o que se passava. Alguém estava a ser castigado pela turba, por algum crime cometido. O povo fazia justiça pelas suas mãos, e ele sabia como costumava ser severa a sua justiça. Procurou em vão soldados ou homens de armas. Mas, se os havia naquele lugar, eles tinham-se absterido de intervir. Entre o medo e a curiosidade, pôs-se de longe a escutar e a observar. O povo gritava:

— Enforcai-o! Matai o maldito!

Uma espécie de fascínio mantinha-o pregado ao chão, apesar do risco que poderia correr. *O infeliz preso ao pelourinho podia muito bem ser eu*, pensou. E esse súbito pensamento deixou-o gelado. O que fazia ele ali, Deus Grandioso?

— E os outros? — perguntavam outras vozes. — Que é feito dos outros?

— Temos de os encontrar — juntaram-se a estas outras vozes.

— Onde estão os teus cúmplices? — perguntou alguém, cuspidno no rosto do supliciado. — Fala, desgraçado.

— Vadio, assassino.

— Onde se encontram? Diz-nos.

Simão pôde constatar, do local onde se encontrava, que não havia ordem nas questões nem nas atitudes das gentes. Pareciam todos possuídos de uma raiva sem controlo, qual turba enraivecida.

— Morrerás, como o que mataste — gritavam. — Mas antes terás de dizer onde se encontram os teus companheiros.

Da boca do supliciado não brotava palavra. Pelo menos que Simão da Cruz conseguisse ouvir. O pobre diabo parecia petrificado, tomado de terror, ante a fúria da turba. Conhecia da sua infância ocorrências idênticas. Era evidente que alguém havia sido morto e ele perguntava-se se aquele infeliz se encontrava também ele morto ou vivo. Na maior parte das vezes, quando chegavam ao pelourinho, iam já meio mortos. Muitas vezes, nem os próprios juízes ousavam opor-se à raiva do povo. Nem mesmo os soldados, quando os havia. Era, na sua verdadeira aceção, justiça popular.

Alguém passou entretanto por Simão e ele baixou os olhos, acreditando desta forma dissimular a sua presença. Para o outro, porém, não passou despercebido este gesto.

— Quem és tu? — perguntou, desconfiado.

Dentro do peito de Simão, uma voz, que era a sua própria voz estrangulada, gritou: *Não, meu Deus, não deixes que me confundam com um desses que procuram*. O seu aspeto, porém, soube-o, não abonava a seu favor. A barba imunda e desgrenhada e a sujidade que o cobria, o seu próprio olhar de fugitivo, já diziam da sua natureza.

— Que fazes aqui? És de fora, não és? — continuava o outro, que o observava agora com redobrada atenção.

Simão queria responder, mas algo dentro dele o impedia. Aquele nó, que tão bem conhecia na garganta, parecia sufocá-lo. Atraídos pelas invetivas do outro, logo houve curiosos que começaram a acercar-se.

*Porque vim eu até aqui?*, interrogava-se, agora definitivamente arrependido de ter entrado na vila, e dentro dele o pânico avolumava-se. Um suor frio começava a perlar-lhe a testa e a correr-lhe pelas costas, tornando-o de repente consciente da aspereza das roupas que vestia.

— De que te escondes? És porventura um dos que procuramos?

— Não! — respondeu ele, bruscamente, e, dando meia-volta, fez tenção de se afastar.

— Alto! — Ele sentiu a mão cravar-se-lhe no ombro, como uma garra. Esboçou um gesto para se soltar, o que não foi bem interpretado por quem o interpelava.

— De que foges, estranho? Pois, acaso, foges?

— Não sou quem buscais, sossegai! — informou. Mas a dúvida já se instalara. Era tarde, talvez, para fugir.

Todavia, o pânico que o dominava fê-lo correr como um possesso, e lançou-se às cegas pelas ruas estreitas. Nunca como agora sentira tanta urgência de ser livre.

O povo enraivecido uivou no seu encalço.

José arrependia-se, a cada passo, de ter fraquejado a ponto de dar o arado. E agora recriminava-se, azedo, pelo facto de não ter conseguido controlar as emoções. Os lamentos constantes dos filhos tinham-no amolecido. E agora o mal estava feito e não havia como o reparar. Pelo menos, ainda lhe restavam a mula e a carroça, bens raros entre os mais pobres. Ter uma carroça e um animal para a puxar era uma vantagem de que muito poucos podiam gabar-se. Além disso, ainda lhe restavam algumas alfaias, o que só por si era já um bom princípio. Enquanto tentava aplacar a sua consciência com estes pensamentos, José suplicava para que a sua ingratidão e o seu egoísmo não fossem cobrados pelo Altíssimo com mão pesada. Quando dava, um homem não devia arrepender-se, pois não era bom que um ato de partilha voluntária se transformasse depois em inveja. Ele sabia, tal como os demais, que a inveja e a cobiça eram pecados mortais, e que todo aquele que não fosse capaz de dominar as suas emoções incorria no risco de cair irremediavelmente nos fogos do Inferno. Eram estas as palavras do bom pastor ao seu rebanho, do alto do púlpito, nos dias de oração. *Não Roubarás!* Sim, José sabia que tinha pecado. Tinha pecado contra o seu senhor feudal e contra o seu Deus. Mas sabia também que o que roubara era apenas um pouco do muito que o seu suor tinha produzido ao longo dos anos; o seu e o da sua falecida mulher. Tinham sido servos devotados, durante anos e anos, e, afinal, o que tinham recebido do seu senhor senão a mão pesada com que lhes cobrava os impostos? Mas bastava! Os seus filhos não sofreriam a mesma sorte, se dele dependesse. Por isso, e pelo seu desgosto, tinha ele dado aquele passo.

Quem foge pela vida, ganha asas. Também Simão, vendo a sua ameaçada, corria como se tivesse, de súbito, ganho o poder de voar. Corria como um possesso: o peito quase lhe explodia, lágrimas obscureciam-lhe a visão, mas ele sabia que não pararia por nada deste mundo. Parar significaria ser executado como um cúmplice de um crime sobre o qual nada sabia, mas que lançara a populaça no seu encalço. De repente, só ele e os seus perseguidores

existiam. E ele perguntava-se se seria assim o desespero que sentiria caso fosse um dia capturado, não por aquele crime, do qual nada sabia, mas por aquele outro, de que trazia ainda as mãos manchadas de sangue.

O povo, possuído de uma raiva cega, não parava de gritar:

— Apanhemo-lo, que é um deles!

— É um dos assaltaram e mataram o bom António!

— Deve pagar pelo seu crime!

Simão sentia-se efetivamente um assassino, mas a voz da sua consciência clamava: *Senhor, não deixeis que pague por algo que não cometi. Sou, sim, um criminoso. Matei, mas não quem eles creem.*

A perseguição pareceu durar uma eternidade. O povo juntou-se e munuiu-se de armas e de paus para lhe dar caça. Porém, talvez o seu anjo da guarda tivesse estado consigo naquele dia, e, durante muito tempo, ele haveria de se interrogar como conseguira, então, escapar incólume à fúria daquela gente.

*Talvez afinal Deus não esteja tão zangado comigo*, pensou, grato, quando finalmente se deixou cair entre um maciço de árvores, sem fôlego. Os seus perseguidores haviam ficado para trás, também eles certamente exaustos.

— Graças, Senhor, graças — dizia sem parar, reconhecido.

Julgou ainda ouvir ao longe uma voz que dizia:

— Perdemo-lo, maldito!

Mas não podia ter a certeza. O sangue pulsava-lhe nas têmporas, obscurecendo-lhe a visão, fazendo com que parecesse ouvir, dentro da cabeça, um vento permanente que nada mais o deixava escutar. Ficou muito tempo quieto, como morto, tendo dentro de si apenas uma prece:

*Não deixes que me encontrem, Senhor, não deixes que me encontrem!*

A carroça transpôs um riacho e começou a subir a encosta. Ao chegarem ao topo desta, avistaram um grande castelo, erguido sobre uma colina. As crianças, entusiasmadas, desataram a saltitar como pardais. *Que grande fortificação!*, pensou José. Depois olhou para baixo, para testemunhar o contraste com os modestos casebres de madeira e de colmo que se aninhavam aos pés das muralhas, como se retirassem dos grandes blocos de pedra talhada a força e o ânimo para se manterem de pé. De certa forma, era verdade. Era, em momentos de aflição, para dentro daquelas muralhas que todos corriam apressados. Mas seria também certo que tivesse sido aquele povo, ou os seus antepassados, quem a muito custo erguera aqueles muros. Os muros que eram também de pressão, de submissão.

A fortaleza era constituída por uma torre principal, que sobressaía no centro, e por dois pequenos torreões encaixados nas muralhas. Não havia fosso. No entanto, José pôde constatar que a inclinação e a aspereza do terreno teriam esse efeito sobre quem se propusesse tentar o assédio. Uma obra robusta, sem dúvida.

— Pai, ficamos esta noite? — suplicaram os mais pequenos, na expectativa do que poderiam presenciar. José refletiu um pouco e respondeu:

— Confesso-vos que também eu gostaria de aqui ficar, mas é mais seguro para nós que prossigamos. Nunca se sabe se não houve um mensageiro a antecipar-se a nós. Temo pela nossa sorte enquanto estivermos tão próximos dos domínios de Dom António. Só quando transpusermos as montanhas me sentirei mais seguro.

## 8

A floresta envolvera-o de repente, assustadora. As grandes árvores estavam por cima dele, como gigantes de tempos imemoriais, e ele sentia-se um pequeno ser insignificante. Simão jazia de joelhos, exausto e desprovido de ânimo, querendo apenas fechar os olhos e deixar de sentir tudo quanto acontecia à sua volta. Insetos zumbiam, mas ele não os escutava. Um vento frio corria por entre os troncos, fazendo tremer as ervas mais baixas e os mais altos ramos, mas ele também não parecia dar a isso grande importância. Estava para lá de tudo, para lá de todas as sensações, e de súbito vinha-lhe à lembrança um dia muito distante em que, ainda petiz, se perdera numa floresta próxima do lugar onde vivia quando andava à cata de cogumelos. O entusiasmo tinha-o levado até às profundezas do matagal, sem que de tal se tivesse apercebido, e de súbito eis que não havia em torno dele nem caminhos nem referências. Apenas o pavor do desconhecido, o pavor das velhas histórias contadas pelos mais idosos, à volta da fogueira, em noites frias e de tempestade, quando as gentes nada mais tinham que fazer senão evocar as antigas lendas de monstros, de sombras, de coisas negras e tenebrosas. A noite viera entretanto e ele desistira de procurar uma saída. Enroscara-se aos pés de uma grande árvore, transido de frio e de medo, à espera que os fantasmas da floresta o viessem buscar. Foi então que avistou ao longe luzes que se aproximavam e vozes que chamavam por si. Fechou os olhos, e todo ele tremia, e o pavor impedia-o de se erguer e de fugir.

As vozes aproximavam-se.

— Simão! Simão!

Pareceu que uma eternidade se passara, até que sentiu em torno de si braços que o apertavam, exclamações de júbilo, e então abriu os olhos, viu muitas pessoas empunhando archotes, foices e varapaus, e a mãe, que já o abraçava, dizia:

— Benditos sejam Deus e os Anjos, que te guardaram das feras.

— Ah, desgraçado, que pensávamos não voltar a pôr-te os olhos em cima!

E então, surpreendentemente, o pai começou a vergastá-lo. E, enquanto o fazia, gritava:

— Maldito rapaz, que só nos apoquentas. Corre para casa, antes que te desanque.

Mas ele não sabia o caminho e por isso não correu, e teve de sofrer o castigo do pai até que chegasse à cidade. Os vergões ainda lá estavam, passados anos, sobre a pele.

Simão lembrou-se disso e também da rudeza do pai, a rudeza permanente de quem vive mal com a vida, de quem chega a casa sempre vociferando, sempre maldizendo tudo e todos.

Devia ter adormecido, pois quando acordou era noite cerrada e havia vozes em torno de si. O orvalho cobria o chão e as sombras envolviam tudo de tons azulados e roxos. Simão olhou em volta, atarantado, e não sabia se aquela noite era real, se fazia parte do seu pesadelo. Sonhara com fantasmas e aventesmas, seres malignos. Vindos das profundezas da floresta. De súbito, lembrou-se da perseguição de que fora alvo e deu graças por ainda permanecer livre, mas as vozes fizeram-se ouvir de novo, e ele teve então consciência de que não faziam parte do sonho. Eram reais, e debruçavam-se sobre ele nas sombras.

— Ora, ora, o que temos nós aqui?

Abriu os olhos sobressaltado, todo ele a tremer, e nos primeiros instantes desejou acreditar que sonhava apenas e que *aquilo* não era senão a continuação do pesadelo. Mas os quatro homens que sobre ele se debruçavam, de aspeto rude, cobertos de peles e armados de arcos e punhais, não eram fruto de qualquer ilusão. Eram o seu pior pesadelo transformado em realidade.

Um deles interrogou-o:

— Quem és?

Simão pensou: *Acode-me, Senhor, fui finalmente apanhado!*

— Eu? Eu? — balbuciou.

Vendo como tremia, todos se riram.

— Tu, sim — insistiu o mesmo de antes. — E que fazes aqui nos nossos domínios?

Simão abriu a boca, estupefacto. Quis falar, mas não atinou com o que dizer.

— Vossos domínios? — conseguiu finalmente articular.

— Sim, somos os donos desta floresta... Bem, donos, donos não é bem o termo, mas a verdade é que quem por aqui passa ou deixa a bolsa ou a vida. Qual das duas deixarás tu?

Só então Simão começou a compreender o que lhe estava a acontecer. Afinal, aqueles patifes não passavam de vagabundos assaltantes de estradas. Não eram, de forma nenhuma, representantes da justiça nem perseguidores seus. Não passavam de fora da lei. Tal como ele. Depois lembrou-se de que talvez fossem mesmo os cúmplices daquele outro que o povo suplicara naquela tarde.

— Dizei-me quem sois e eu responder-vos-ei também sobre a minha pessoa — disse ele.

— Olá, olá! Parece que não compreendes que quem manda aqui somos nós e não tu. Quem faz as perguntas somos nós, e tu limitas-te a responder.



Vê se percebes isso. Lembra-te de que a tua vida nada vale. Não serias o primeiro a morrer às nossas mãos. Lamentavelmente. — O bandido riu com escárnio. Eram como feras espalhando o terror pelos bosques e pelos caminhos.

— Sois, porventura, cúmplices daquele outro infeliz? — perguntou Simão, sabendo que jogava ao acaso.

— De quem falas? — continuou o mesmo a perguntar. Era decerto o chefe do bando, já que os outros permaneciam calados.

— Estive hoje na vila que fica cerca deste matagal, onde presenciei a execução de um que diziam ter morto um homem — informou Simão, sentindo um arrepio percorrê-lo. — Eu próprio fui confundido como sendo um dos seus cúmplices e quase paguei esse erro com a minha vida.

— Bandidos! Dizes tu que supliciarão o nosso companheiro?

— Presumo que sim, mas de vós nem sinal...

— Vê lá como falas. Se tens amor à vida, deixa-te dessas troças e ironias. — Os olhos do homem faiscaram ao luar.

— Pois bem, a verdade é que tive de fugir, senão tratavam-me da saúde. O bandido riu.

— Como puderam confundir-te com um dos nossos!?

Simão baixou os olhos.

— Bem, em relação à minha pessoa, podeis fazer de mim o que vos aprouver. Não tenho haveres comigo — disse, indiferente —, e, na verdade, a minha vida é de pouco valor. Portanto, se ficardes com ela, garanto-vos que não ireis ricos.

Ante aquela franqueza, o ânimo dos homens pareceu amainar.

— Por certo que vales pouco — concordou o chefe —, e matar por matar também não é o nosso objetivo. Aquele maldito mercador poderia ter-se salvo se nos tivesse dado livremente a bolsa. Mas não, quis afrontar-nos... Mas, chega, levanta-te e vem connosco. Tens a certeza de que os despistaste?

— Sim, absoluta. Além disso, já passaram algumas horas, e, de noite, não se aventurariam decerto por aqui. Pelo que se vê, há boas razões para se temerem as feras... — gracejou Simão. Os outros pareceram não perceber a ironia, ou então deixaram que passasse impune. Por entre um sorriso, Simão perguntou:

— E então o que fareis comigo?

— Nada. A partir de agora, és nosso hóspede — disse o chefe do bando.

Conduziram-no pelo meio das árvores, até que chegaram a uma pequena clareira.

— Quando os ares por aqui estiverem mais densos — dizia o chefe do grupo, momentos mais tarde, enquanto bebiam e comiam em torno de uma fogueira —, iremos para outro lado. Aliás, há dois anos que temos feito precisamente isso. Para quê trabalhar, suar e submetermo-nos à severidade de

um senhor, se podemos nós ser os nossos próprios senhores? Caçamos, pilhamos as aldeias mais pacíficas... enfim, vamos vivendo.

— Sim, mas o vosso companheiro foi apanhado. Não acredito que esteja ainda vivo. Não temeis vós ser também capturados um dia?

— Tudo pode acontecer. Mas essas são as contrariedades da vida. Vê, não há tantos que morrem de fome, de febres, males do corpo, à mão cruel de um senhor qualquer? Ninguém vive eternamente, por mais que os padres o asseverem.

— Está bem, mas porquê roubar quem já é pobre?

— Porque é mais fácil, não compreendes?

— Mas porque não roubar os ricos?

— Quando aqui passam, não escapam, não penses. Mas roubá-los nos seus palacetes? Não. Há guardas armados, podengos ferozes. Porque não roubar os mais pobres, os mais desprotegidos? Vê lá se também eles nos perdoam quando nos deitam a mão.

— Pois, sim, se vocês lhes infernizam a vida.

— Bem, bem! É melhor mudar de conversa, antes que desconfiemos das tuas boas intenções. Olha que também não tens cara de boa peça.

Simão perturbou-se.

— Ora, brinco apenas contigo. Depende. Às vezes pareces-me apenas um pobre diabo, outras vezes... Seria melhor que fosses tu a contar-no-lo.

— Tens razão — concordou Simão, recompondo-se. — Na verdade — começou —, sou um fugitivo.

— Sim, disso já nós suspeitávamos.

— Ah! Mas não é o que estais a pensar. Insultei o senhor para quem trabalhava e tive de fugir — mentiu.

— Não digas...

— Sim, o maldito tirava-nos couro e cabelo. Um dia fartei-me, chamei-lhe demónio, e fugi antes que me deitasse a unha. Fui perseguido durante dias, mas consegui escapar. Sabeis como toda a gente está pronta a esconder um fugitivo. — Eles acenaram. Simão percebeu que a revelação daquele episódio, apesar de falso, os tornava mais solidários com a sua natureza, afinal, semelhante à de muitos deles. Regozijou-se com a própria inteligência e prosseguiu: — E agora, tendo quase sido apanhado por um outro crime que não cometi, eis-me junto de vós.

— Hum, hum. Fizeste bem em ter fugido. Os malditos nobres, é o que merecem. Devíamos revoltar-nos todos contra a sua prepotência. Veríamos depois o que fariam com as terras, sem ninguém para as cultivar.

— Pois. O pior é que os que as cultivam não ficariam melhor.

— Claro.

— Se te têm apanhado agora, tinham-te pendurado.

Os homens gargalharam para afastarem o próprio nervosismo. Simão não estranhou que já houvessem esquecido o companheiro.

— A propósito, porque não te juntas a nós? — perguntou aquele que parecia o chefe do bando.

Simão hesitou. Havia de súbito algo que o tornava solidário com aqueles fora da lei. Não serviam a ninguém, viviam do que conseguiram roubar. De certa forma, pareciam dominar o próprio destino. Contudo, o destino do infeliz nas ruas da vila fê-lo lembrar-se de que, além de viverem de forma ilegal — o que era contrário aos preceitos de Cristo e às leis dos homens —, estavam em constante perigo. Não era aquilo que desejava para si. Acabou por dizer:

— Ah! Isso seria uma grande honra, mas não vou poder aceitar. É que fiz promessa de ir em busca de uma irmã minha, que nos deixou há muito tempo.

— Tens a certeza?

— Absoluta.

Durante muito tempo, ficaram a conversar e era já tarde quando se deitaram para dormir. Foi mesmo ali, sob as estrelas, apesar das noites ainda frias, que se estenderam para passar a noite. Cobriram-se com grandes mantas de lã e enrolaram-se como cachorros, coçando-se e lançando gases. *Como será quando chove?*, perguntou-se. Provavelmente, construiriam abrigos ou procurariam alguma gruta ou buraco, tal como as feras que povoavam aqueles montes.

Ouviam-se ao longe os estranhos barulhos da floresta. Durante toda a noite, Simão da Cruz os escutou e, talvez por isso, ou não só, foi incapaz de pregar olho. Não fosse alguém apanhá-los desprevenidos, ou não fossem eles lembrar-se de atentar contra a sua vida. Mas tal não aconteceu. Parecia haver uma espécie de código de honra, entre aqueles bandidos, por quantos consideravam da sua laia. Além disso, deviam estar muito certos de que ninguém os seguiria naquele ermo, já que nem sequer se deram ao cuidado de deixar alguém de guarda. Talvez não passassem de pobres diabos com mania de bandidos. Sim, mas nem por isso se escusavam de matar alguém de vez em quando. Ainda bem que o tinham poupado. Ainda bem que era ainda um homem livre. Talvez, afinal, não fosse ainda um desgraçado abandonado por Deus.

— Tens a certeza, uma vez mais, de que não queres juntar-te a nós? — perguntou um dos bandidos pela manhã. Depois de passada a noite, na companhia do bando, já todos lhe falavam, como se há muito o conhecessem. Aliás, não eram gente tão feroz quanto queriam fazer crer.

— Agradeço-vos, mas tenho de dizer que não. Contudo, se um dia nos voltarmos a cruzar...

— Bem, é melhor que não prometamos nada. Vai em paz, e que Deus te acompanhe.

— A vocês também. E pensai que é melhor roubar a ricos do que a pobres.

— Pensá-lo-emos.

E despediram-se.

Simão pôs-se a caminho e ainda lhe custava a crer que continuasse vivo e livre.

## 9

*Mais alguns dias, e chegaremos!*, pensou Maria da Conceição, ao mesmo tempo possuída de uma esperança muito grande de que melhores dias estavam para vir. Tinham deixado a serra do Marão para trás, o que indiciava que o seu destino estava a um passo apenas. A seu lado, deitadas na caruma seca da mata, sob as árvores altas e o céu estrelado, as crianças dormiam, e, mais adiante, o pai parecia fazer o mesmo. Só ela se mantinha acordada, incapaz de conciliar o sono ante a ideia do novo futuro. Enquanto assim se entregava ao devaneio, havia lembranças que vinham e que se misturavam no seu pensamento. Eram lembranças de uma pequena casa pobre, mais uma choça do que uma casa, entre um conjunto de outras que faziam parte de um pequeno aldeamento. As paredes, de madeira e barro amassado, criavam gretas e deixavam que o vento e o frio penetrassem no espaço exíguo e quase sempre escuro da habitação. Lá dentro, não havia tabiques, pelo que todos partilhavam o mesmo chão de terra batida em torno de uma fogueira que morria de noite para ser reanimada na manhã seguinte. Por sobre eles, o telhado de colmo e de ramos entrançados deixava ver em muitas alturas as estrelas do céu, o álgido brilho das geadas, as bâtegas de chuva em dias de tempestade. As vigas eram ocupadas, nos anos de maior fartura, por galinhas e patos de criação, os quais acontecia fazerem para baixo as mais elementares necessidades. Claro que não podiam dar-se ao luxo de expulsar as aves durante a noite, correndo o risco de as verem capturadas por feras ou roubadas por salteadores. No entanto, não deixava de ser incomodativo quando calhava que as imundícies lhes caíssem em cima. Mas isso era o dia a dia naqueles tempos, e, quando calhava algum pedaço de comida cair ao chão, logo era apanhado e metido à boca, quando uma das aves não se lhes antecipava. Apenas os mais afortunados podiam dar-se ao luxo de abandonar comida caída no chão à boca ávida dos cães, que se lhes enroscavam em torno dos pés. Ali, nem sequer havia alguém que pudesse dar-se ao luxo de ter um cão seu. Os que havia não eram de ninguém, ninguém se importava com a sua sorte e ninguém lhes dava guarda, tendo-os como seus. Vagueavam por ali, sofrendo muitas vezes com as brincadeiras das crianças mais traquinas. Eram apedrejados e corridos à paulada, e apenas quando a fome era em demasia — dizia-se, mas ninguém o admitia — serviam para alguma coisa. A lavoura e os trabalhos para o senhor que habitava o castelo sobre a colina ocupavam as horas do dia de toda a população, e a vida decorria, árdua e sem outra aspiração que não fosse o pão de cada dia, o sol e a chuva nas alturas próprias, e que Deus os poupasse de febres e maleitas, que todas as estações ceifavam as vidas dos mais fracos e débeis. Maria da Conceição não conhecia outra coisa que não fosse aquela vida de medos e de incertezas constantes, de frio, de escuridão e de morte. E aquele lugar, centro do seu mundo. No entanto, escutava as histórias de trovadores e saltimbancos que falavam de grandes cidades onde havia mais ricos do que pobres, e onde todos podiam ter a sua oportunidade. Onde a maioria dos homens tinha os seus mesteres e deles ganhava o pão para a boca. Eram talvez meras histórias, mas o certo é que ela não deixava de pensar nesse novo

lugar para onde iam. Deitada sobre a caruma seca dos montes, imaginava o que seria viver dentro de muros, onde muitas casas formavam ruas, ruas limpas e calcetadas, por onde as crianças corriam felizes e as pessoas passeavam. Via-se sentada à sombra de uma árvore, tinha uma roupa melhor do que aquela que agora vestia, e...

Os irmãos moveram-se no sono, interrompendo-lhe os pensamentos, e foi o suficiente para que despertasse.

*Sabes que não há lugares assim, tudo não passa de histórias. É a maneira de os pobres sonharem. Todos sabemos que quando nascemos pobres não podemos pensar em ser outra coisa. Pobres nascemos, pobres morreremos. Se Deus, na Sua ilimitada sabedoria, assim nos fez, decerto que foi para alguma coisa, mas não para que nos tornássemos ricos. Que sentido teria o mundo se se pudesse mudar assim a ordem das coisas?*

Não, todos tinham na Criação o seu lugar certo: homens da Igreja, nobres e povo. Acima deles, apenas Deus e o rei, Seu representante nesta Terra.

*Perdoa-me, Senhor, as minhas heresias, que não sou mais do que realmente sou, nem devo aspirar a ser outra coisa. E estes sonhos de ambição que vivem na minha alma não são mais do que pecados. Perdoa-mos e ajuda-me a esquecê-los. Lembra-me, Senhor, do que sou e de que apenas um pouco de pão já seria o paraíso. E menos servidão, Senhor. Mas, seja qual for a Tua vontade, ela é cheia de sabedoria. Dá-me humildade suficiente para a compreender e aceitar. Não deixes, por um instante, que me rebelo, tal como essas seitas de que falam os almocreves, criaturas perdidas, homens que ousam querer ser quem não são. Perdoa-me e faz-me humilde e paciente, amém!*, dizia de si para consigo.

No entanto, no mais profundo do seu ser, Maria da Conceição sabia que não tinha sido por tão pouco que tinham fugido. Tinham fugido para que pudessem ser outra coisa. Seria isso pecado?

Desde que naquela tarde um viajante lhes havia dito que já se encontravam perto das terras que buscavam que José mal se tinha em si de ansioso por as ver surgir ante os seus olhos. Ao contrário do que a filha pensava, também ele não conseguia dormir, todo alvoroço e expectativa. Com os olhos fixos no céu, sentindo no rosto a geada que caía, como poalha, sobre as árvores e a erva da clareira onde se encontravam, José planeava o futuro. Imaginava a casa que haveria de construir, de pedra, de preferência, e os campos que haveria de cultivar. Já não trabalharia para nenhum nobre, e seria o senhor dos seus próprios haveres, devendo obediência apenas ao seu rei e senhor e ao seu Deus. E, se o Altíssimo quisesse, poderia então dar aos filhos o que até ali não lhes pudera dar, e essa ideia confortava-o, levando-o a pensar na mulher com uma saudade pela primeira vez diferente — liberta do remorso que tanto o apouquentara.

Imaginava essa terra distante que havia dias buscava como um lugar verde e chão, de terra fértil e macia, onde as plantas cresciam mais do que em qualquer outro local, onde as árvores davam frutos maiores do que punhos fechados e onde os rebanhos pastavam livres. Via esse lugar, no seu pensamento, como um campo de sol e de chuvas certas, sem tempestades alterosas, e no qual as pessoas viviam mais do que em qualquer outro sítio, onde as

febres não ceifavam todos os anos dezenas de vidas, onde um homem podia chegar a velho, feliz do que havia vivido. Terra sem senhores que tudo levavam dos pobres, do pão para a boca à própria vida, quando o capricho assim mandava. Porque todo o senhor tinha caprichos, acabando mais ou menos por maltratar os que o serviam, porque o poder era inimigo do bom governo, e apenas el-rei, por ser o representante de Deus na Terra, sabia ser bom para os seus súbitos, magnânimo como um dia primaveril.

Incapaz de dormir, José disse uma oração pelo seu bom soberano, el-rei Dom Dinis, e pela mulher deste, Dona Isabel. Por vontade deles se estava povoando aquela terra nas longínquas paragens do Norte do reino, e, segundo se dizia, com concessão de magnânimo foral.

Algo dizia a Simão que estava prestes a chegar ao seu destino. Durante muitos dias, cruzara aquelas terras sem fim, de florestas, povoados dispersos e montes áridos, e agora aquela sensação de que estava perto não o largava. Mais propriamente desde que transpusera a serra. Mal ascendera aos píncaros altos daquela cordilheira, a que estranhamente chamavam Marão, e depois começara a descer. E há dias que descia, e as terras bravias que avistava traziam-lhe a promessa de uma vida nova, livre de medos, daquele temor frio, que não o largava, de que num momento qualquer, quando menos esperasse, poderia ser capturado. Por isso, quanto para mais longe caminhava, quanto mais se embrenhava naquelas distantes paragens que ficavam para lá do Marão — rumo à póvoa nascente que lá longe el-rei mandara erigir, para que fosse cabeça de concelho das terras confins do seu reino —, mais liberto se sentia e menos o oprimia aquele medo. Por isso, havia alguns dias que calhava ficar assim, durante grande parte da noite, fitando o céu, movido pelo anseio e pela esperança de chegar. No entanto, se alguém lhe perguntasse muitas vezes em que pensava, não saberia que resposta dar. Tinha planos, certamente. Durante dias, deixara que lhe povoassem o pensamento, entre sobressaltos e insónias, entre pesadelos e remorsos, e agora, após tantos sustos, era como se a alma estivesse vazia, árida. Ou, então, era como se finalmente fosse capaz de se contentar com aquele pouco, aquele pouco que era tão-somente o céu que o cobria e que sobre ele lançava a álgida geada que tudo envolvia de um fino véu branco.

As névoas da manhã adornavam os bosques e os vales circundantes. Em torno, uma fina camada branca cobria a terra. A friagem e a humidade da noite penetravam nas vestes do viajante incauto. José sentiu esse frio na pele, mas, estranhamente, este tinha sobre si um efeito revigorante. Tinha os ossos endurecidos, curtidos por muitos invernos. Mas o mesmo não acontecia com os mais pequenos. Reacendeu a fogueira da noite, para que se aquecessem antes de retomarem a caminhada. Bem, na verdade, talvez também ele sentisse um pouco desse frio. Já não era o mesmo rapaz de outros tempos, cheio do

vigor da vida. Os dentes já lhe tinham caído quase todos, e os cabelos estavam grisalhos, tal como a barba que lhe cobria o rosto, onde as rugas cavavam os fundos vales da idade. Essa não a sabia com a certeza de quem facilmente lidava com os números, mas devia andar próximo dos quarenta invernos, o que queria dizer que, com sorte, apenas lhe restariam mais uns dez. O pai morrera aos cinquenta e cinco, a mãe, apenas aos cinquenta. A pessoa mais velha de quem se lembrava durara sobre a Terra setenta longos anos. Na verdade, invernos de mais para um só homem. Enquanto acendia a fogueira, José não sabia por que razão pensava nisso agora. Realmente não sabia. Talvez fosse apenas uma daquelas insignificantes reflexões a que tantas vezes se entrega um homem quando não pensa nem em chuva nem em sol, quando não pensa em Deus mas somente em si. Na realidade, sabia-o, ninguém controla o pensamento, e por isso calhava tantas vezes os homens pensarem loucuras, e depois, arrependidos, irem confessá-las, para que em nada mais se transformassem senão em loucuras pensadas. Mas ele não queria agora pensar em morte, não queria pensar em tristezas, porquanto fosse certo que muitas vezes a morte, mais do que fim, era libertação. Mas isso era quando um homem já não aspirava a mais na vida. E ele tinha de repente muito em que pensar!

Após a cansativa subida, Simão parou por um momento para recobrar fôlego e aproveitou para olhar em volta as terras que o cercavam. A névoa matinal quase tinha desaparecido, e, por sobre a colina, a paisagem podia ser facilmente abarcada, iluminada, aqui e ali, pelo sol primaveril que despontava. Enquanto olhava a lonjura, Simão deixou-se devanear, entregue à beleza envolvente do lugar.

Em frente, entre os bosques dispersos que se estendiam para um e outro lado, erguiam-se altas fragas de um cinzento-acastanhado, como sentinelas petrificadas no tempo e no espaço, fazendo lembrar ao imaginativo viajante as guerras recentes que haviam assolado toda aquela terra e que, a cada passo, ainda alvoroçavam o reino, lembrança permanente de que a paz era um bem divino que só muito arduamente podia ser conseguido.

Era uma terra agreste. Bravia como os homens que ao longo de séculos a haviam conquistado, perdido e voltado a conquistar. Por momentos imaginou duas hostes chocando-se em terrível combate.

A ligeira bruma que ainda cobria o vale, ao fundo, proporcionava aos seus pensamentos uma atmosfera de irrealidade e de sonho. Sonho sombrio, pois parecia que da terra se erguiam ainda os gritos e os brados dos homens, o entrecocar de armas, o lamento dos moribundos.

Pela sua memória passaram os tempos da infância, quando os homens da cidade haviam acorrido a pegar em armas ao repicar dos sinos e ao brado das sentinelas. Como em outras vezes, no passado, segundo rezavam as histórias dos mais velhos, havia as incursões da mourama, ou dos exércitos dos senhores vizinhos, cuja finalidade era quase sempre a pilhagem e a matança.

Ouvia as mulheres gritando, protegendo os filhos no regaço. Recordava-se de si, correndo também, enquanto transportava na mão o seu arco de brincar. Depois, após encarniçada luta entre os da vila e os invasores, estes puseram-se em fuga, deixando para trás muitos feridos e morrentes. E lembrava-se de como o ódio do povo conduziu depois ao massacre desses infelizes, os quais nem tempo tinham tido para soltar um ai ou encomendar as almas a Deus. E só ficaram as palestras e as conversas dos mais velhos sobre tempos mais recuados e outras batalhas travadas, outras chacinas, outras vinganças. Tempos negros, de um passado mais ou menos longínquo, quando os limites do reino eram incertos e facilmente atacados.

Depois desse dia, o povo pôde viver de novo em paz. E a paz perdurou. E... os tempos passaram. E ele cresceu.

## 10

O grupo de cavaleiros alcançou-os a meio da manhã. À vista daqueles homens montados, José não conteve um mau pressentimento. Algo na sua postura lhe dizia que se tratava de homens do lorde. Estavam armados até aos dentes e traziam pela trela cães de caça, que desataram a ladrar à sua vista. Percebeu de imediato que a reação dos cães desencadeou sentimentos semelhantes nos homens, que pareceram assumir uma atitude agressiva. O da frente apontou de forma elucidativa para eles e José percebeu que nos olhos refulgia a fúria de quem tinha muitas noites ao relento para lhes cobrar.

Olhou para a filha, desconsolado, e uma grande tristeza apossou-se dele. As crianças, pressentindo o que se passava, começaram a chorar, e Maria da Conceição teve de as consolar, falando-lhes ao ouvido com meiguice. Mas aquelas palavras sussurradas tinham também a intenção de a acalmarem, o que não aconteceu.

— Deus se apiede de nós — ouviu o pai proferir.

José sentiu ainda o impulso de vergastar a mula no intuito de intentarem uma fuga desesperada. Mas rapidamente desistiu ao ver que os besteiros tinham empunhado as armas e as apontavam na sua direção. Temeu não por si, mas pelos filhos, e deixou cair os braços. Sentiu-se tomado por um grande desânimo.

— Quietos, se tendes a vossa vida em boa conta! — bradou um dos cavaleiros.

Aquele que parecia ser o chefe do grupo virou-se para o companheiro e José percebeu que o advertia por alguma coisa. Inicialmente pensou que tivesse sido por ter falado em vez dele, mas depois percebeu que lhe censurava a forma rude como se lhes dirigia.

Em tom mais brando, disse:

— Baixai as rédeas e detende a mula, Ti Zé, que temos de falar. — Dito isto, aproximou-se.



José, que desde o primeiro momento tentava perceber se aquele que falara era quem ele julgava, viu confirmadas as suas suspeitas quando o cavaleiro chegou perto de si. Não conteve o sentimento de satisfação ao verificar quem era.

— És tu, filho? — balbuciou, o rosto iluminado pela esperança.

Tratava-se do jovem filho do encarregado rural do fidalgo. O rapaz, Alfredo, de seu nome, tinha pouco mais do que a idade de Conceição e nutria pela rapariga uma grande afeição, que por mais do que uma vez o tinha levado a pedi-la em casamento. Mas a filha tinha as suas casmurrices e sempre respondera que não. José ansiava agora por que esse sentimento os pudesse ajudar.

Simão viu que as névoas do vale se dispersavam com o calor crescente da manhã. Pensou: *Bendito sejas, Senhor, por todas as coisas belas que criaste para nossa satisfação.* Ao mesmo tempo, aspirou o ar límpido da manhã, sentindo uma grande paz. Lembranças vieram com a brisa, lembranças ternas e cálidas que só se têm quando o espírito encontrou alguma serenidade. Ali, sobre o rochedo altaneiro, Simão fitava a lonjura, sentindo-se uma ave avaliando a distância, prestes a levantar voo. Quando era menino, chegara a acreditar que um dia conseguiria, tal como as aves, elevar-se nos céus e planar no azul. Durante meses, imaginara a forma de fabricar para si próprio umas asas feitas de peles atadas numa armação de ramos, semelhantes àquelas que os anjos ostentavam nas grandes iluminuras que embelezavam a igreja onde todos os domingos ia rezar. Lembrava-se de que ficava todo o tempo da homilia fascinado com aquelas imagens, indiferente às palavras do padre. Há muito que deixara de o escutar: falava apenas de fogo e de tormento e do Inferno, reservado para todos aqueles que pecavam. Mas, afinal, se pecavam todos — como o padre asseverava —, que criaturas ganhariam as benesses do Céu? Os anjos e os santos. Se ele pudesse assemelhar-se aos anjos, talvez pudesse aspirar...

Sorriu. Rapidamente aprendeu que não havia anjos entre os homens e que a santidade estava reservada a poucos.

— Conceição — cumprimentou Alfredo, fazendo um aceno. — Ti José — disse depois, dirigindo-se a ele —, temo que não esteja aqui pelas melhores razões. Vocês partiram de repente e Dom António ficou muito desagradado. — José sabia que o outro estava a ser ameno nas palavras e, por outro lado, questionava-se sobre quanto daquele *desagrado* não seria também dele. — Tão desagradado que enviou dois grupos em vossa perseguição.

— Qual deles é o vosso? — perguntou José, fitando o rapaz. Não sabia porque fazia aquela pergunta, mas de repente apeteceu-lhe fazê-la. Havia uma amargura implícita na voz, que nem o sorriso conseguiu disfarçar.

Alfredo percebeu a mordacidade nas palavras do velho e sorriu.

— Juntei alguns dos meus amigos e aprestei-me a cumprir as ordens de Dom António. Sabeis como ele sabe ser persuasivo. No entanto, já não passa

de um velho casmurro. Julgo que o que mais o revoltou foi terdes sido precisamente vós a intentar tal. Bradou aos quatro ventos que vos mandará matar quando fordes apanhados.

Quanto a isso, não havia dúvidas. A misericórdia não era uma das qualidades do nobre. Após os primeiros momentos de surpresa, também Conceição tentava recobrar do susto sofrido. Enquanto tentava aquietar o coração, lançou um olhar em redor. Reconheceu todos quantos compunham o grupo. Além de Alfredo, estavam ali o Romeu — aquele que inicialmente os invetivara com rudeza —, o Licínio, o Asdrúbal e o Filipe. Todos eram seus amigos de infância; tinham brincado em pequenos, e só a idade os afastara quando eles e ela deixaram de ser meninos. Pois não ficava bem a uma adolescente brincar com homens feitos. Agora, enquanto os fitava, procurava nos olhos de cada um algum sinal desses tempos, uma réstia de sentimento que os fizesse vacilar.

Desde menino que se deslumbrava com as imagens e com os frescos das igrejas. A arte dos grandes pintores fixada para a posteridade nas paredes e nos altares causava-lhe um fascínio que desde cedo o fizera desejar tomar parte naquele lote de eleitos — os que criavam beleza para engrandecimento de Deus e a espalhavam pela Terra para deleite dos homens.

Inspirado por essa arte que considerava divina, desejara enveredar pelo desenho e pela pintura, acreditando que aí encontraria a manifestação da vontade de Deus para o que deveria ser a sua vida. Mas questões práticas que se prendiam com o acesso difícil aos caros materiais depressa o levaram a procurar outros suportes. A sua tendência para as artes acabou por revelar-se no maço e no cinzel, levando-o a criar na pedra bruta as formas suaves de cornijas, colunas e arcos, sem contudo esquecer que o desenho era a base de tudo e era na representação pictórica do real que assentava todo o trabalho do artista. Antes de esculpir, o escultor tinha de desenhar na pedra as formas que desejava ver terminadas.

O pai, simples lavrador, mas desejando encontrar nos filhos a mina de ouro que a vida não lhe proporcionara, rapidamente se apercebeu da sua habilidade e entregou-o aos cuidados de uma oficina de pedreiro, como aprendiz. Tinha oito, quase nove anos. No entanto, mestre António sempre o subvalorizara e, durante cinco anos, empregara-o como mero servente. Em segredo, contudo, continuava a aperfeiçoar a sua arte, esboçando no granito rostos e torsos de santos e de anjos.

Os últimos anos, passara-os a erguer paredes, aguardando pelo momento de chegar, mais do que a pedreiro, a escultor. No entanto, o tempo ia passando e ele não via concretizadas as suas aspirações. E agora era tarde. As suas mãos estavam conspurcadas pelo sangue de outro homem, amaldiçoadas para a arte e para as coisas de Deus.

— Alfredo — ouviu-se dizer —, deixa-nos partir, pela alma da minha mãe e da tua, que foram amigas e muito se estimaram enquanto vivas.